

ANO 1 - NÚMERO 12 - OUTUBRO 2015

R\$ 9,90

# Xapuri

**SOCIOAMBIENTAL**

**POPULAÇÕES**  
CRESCIMENTO JÁ PREOCUPA O BRASIL



ISSN 2359-053X

11

**SAÚDE**  
OUTUBRO ROSA 2015  
p. 14

**CULTURA ECOLÓGICA**  
A FORÇA DAS YKAMIABAS  
p. 26

**PERFIL**  
ZIRALDO, A CARA DO BRASIL  
p. 38





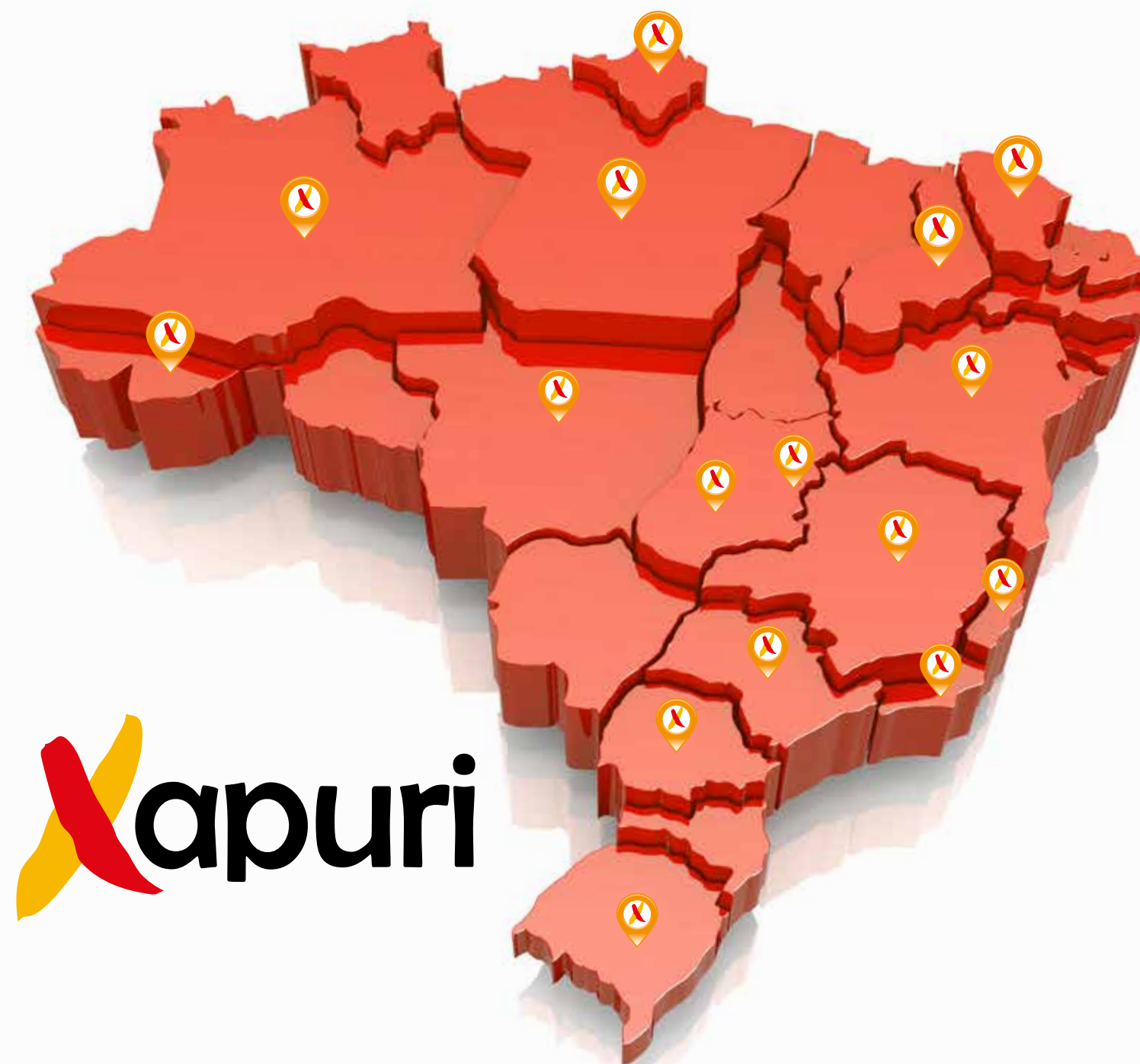
Fotos: Thais Maria Pires



Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas  
mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim  
esse atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância  
de ser feliz por isso.  
Meu quintal  
é maior do que o mundo.

Manoel de Barros - Trecho de  
"O Apanhador de Desperdícios"

POR ONDE ANDA A



Xapuri

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,  
faz a Xapuri continuar acontecendo!

ASSINATURA  
**ANUAL**  
12 EDIÇÕES

Preço **PROMOCIONAL** até 31 de outubro!  
ASSINE JÁ!

R\$ **75,00**

[WWW.XAPURLINFO/ASSINE](http://WWW.XAPURLINFO/ASSINE)





## Mensagens pra Xapuri



Parabéns pela revista! Conteúdo maravilhoso, formatação e gramatura top! Amo o charme do papel reciclado!  
**Márcia Costa, mestranda em Direito e Políticas Públicas – Uniceub. Formosa – Goiás.**

Já assinei e compartilhei a Xapuri. Essa revista é maravilhosa! Nós não temos noção do que acontece com a nossa natureza e com os índios no nosso país. É bem mais do que imaginamos. Não percam!  
**Maria Lucia Ianes Barco Costa, professora, diretora de escola na rede municipal. São José do Rio Preto – SP**

Para assinar e ler, até as propagandas!  
**Conceição Aparecida Pereira Rezende, ouvidora da Saúde na Ouidoria-Geral do Estado de Minas Gerais. Betim – MG.**

Uma boa notícia é a revista Xapuri, já rodando há algum tempo, importante no tema socioambiental, fora o esforço com que um conjunto de pessoas se reúne para tocá-la. Parabéns!  
**Maria Valéria Junho Penna, socióloga. Rio de Janeiro – RJ.**



Zezé, recebi minha revista Xapuri (setembro) há duas semanas e me inspirei para fazer este [desenho] para você, flor colorida, chitão brasileiro, coragem nas veias.

**Elody Valadares, economiária. Formosa – Goiás.**  
"As cores que vestem o Brasil de primavera".



Recebi a minha Xapuri. Achei maravilhosa. Em tempos de jornalismo tão ruim, Xapuri é um alento para a nossa alma. Parabéns por esta maravilha. Amei!  
**Adilson Nunes Vieira, superintendente adjunto da Suframa. Manaus – AM.**

Fiz minha assinatura da revista Xapuri e fiz uma postagem convidando as pessoas da minha lista para conhecerem a publicação. Sei que é uma revista feita com total dedicação e amor às causas social e ambiental.  
**Ângela Mendes, tecnóloga em gestão ambiental, coordenadora do Comitê Chico Mendes. Xapuri – AC.**



Excelente conteúdo! Parabéns Zezé Weiss e equipe.  
**Lenita Lobo, historiadora. Formosa – Goiás.**

Acessei a revista, muito bacana... imagens lindas e ótimas matérias... adorei a revista!  
**Marisa do Perpétuo Socorro Silva, dentista. Belo Horizonte – MG.**



Uma boa leitura é sempre uma excelente companhia. Essa revista Xapuri me encanta: é nossa, é boa e está com excelente qualidade!  
**Cláudio de Melo, professor. Sobradinho – DF.**

Quero agradecer pelo envio da revista e dizer que fiquei lisonjeada pela maneira elegante e carinhosa com que o meu texto foi apresentado na mesma (A Lenda do Ipê – edição 11, setembro/2015). Amei também todos os artigos da edição e por isso gostaria de fazer a assinatura anual, assim como de receber os números anteriores. Parabéns por usarem papel reciclado, isto não diminui a qualidade da revista. Amo o cuidado com a natureza.  
**Hull de La Fuente, escritora. Brasília – DF.**



Hoje [23 de setembro] o dia foi duplamente feliz. Primeiro porque acordei na PRIMAVERA, a mais linda estação do ano, com muitas flores, cheiros e cores. Depois, no final do dia, eis que chega a adorável revista Xapuri Socioambiental. Confesso que estava ansiosa pela chegada dessa beleza de revista. Adorei. Que venha a próxima edição! Quem ainda não fez a assinatura não sabe o que está perdendo, é sensacional!  
**Helena Tanus Bichara, jornalista. São José do Rio Preto – SP.**

Agradeço em nome de todos os agricultores, agricultoras e feirantes da Feira do Produtor do Jardim Califórnia, Formosa – Goiás, pelo espaço a nós dedicado na edição 10 (agosto/2015) da revista Xapuri Socioambiental. Fundamental este apoio, que contribui para conscientizar mais as pessoas sobre a preciosidade que representa a agricultura familiar na produção da alimentação saudável.  
**Selma Silva Gonçalves, graduada em Gestão Administrativa, produtora rural. Formosa – Goiás.**



Parabéns por esta edição da revista Xapuri (setembro/2015), que está linda e colorida!  
**Edna Xavier, professora. Formosa – Goiás.**



Cai fora sapo, essa revista é minha! #xapurisensacional  
**Marco Lima, advogado. Guarujá – SP.**



Acabei de receber a revista Xapuri, vestida de primavera. Que linda! Melhor ainda quando me deparei com a matéria que evidencia a tradição do queijo minas, produzido pela querida tia Debraíla. Linda homenagem! Parabéns, equipe Xapuri Socioambiental. Sensacional!  
**Patrícia Villas, produtora cultural. Uberaba – MG.**



A Revista Xapuri chega na capital da região noroeste paulista. Presentão! Revista nota mil. Parabéns pela publicação!  
**Carol Soler e Stella Coeli Ferreira, jornalistas. São José do Rio Preto – SP.**

**contato@xapuri.info**



**H**á muitos e muitos séculos, em tempos imemoriais, viveu na Amazônia Ocidental, nas florestas de seringueiras que circundam as barrancas do Rio Acre, um extinto povo indígena registrado pela história com o nome de Chapurys.

Dentre as poucas coisas que se conhece sobre os Chapurys, uma das mais interessantes é o significado do nome desse povo ancestral: “rio antes” ou, em uma tradução mais libertária da palavra, “o que vem antes, o princípio das coisas, o que tem que ser feito”.

Em eras mais recentes, “o que veio antes”, nos anos 1980 – lá das mesmas matas que circundam a região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri –, foi um inovador movimento social que, pela primeira vez no Brasil, juntou lideranças indígenas e extrativistas em uma revolucionária Aliança dos Povos da Floresta.

Do ponto de vista do que “tinha que ser feito”, foram as muitas vozes dos povos da floresta, em um movimento coletivo sob a liderança de Chico Mendes, que construíram as bases para a plataforma socioambiental que, com o apoio de ambientalistas, ganhou o Brasil e o mundo.

Três décadas mais tarde, “o princípio das coisas” na criação da revista Xapuri foi a construção de um espaço de informação leve, bonito e feliz para, a partir do Cerrado, o mais ameaçado dos biomas brasileiros, compartilhar conhecimento e, assim, contribuir para a construção desse outro mundo mais saudável e mais sustentável que ousamos acreditar ser possível.

Celebramos, neste outubro rosa de 2015, o primeiro aniversário da Xapuri Socioambiental. Ao longo da caminhada, a alegria da criação e disseminação de conteúdos relevantes para a sociedade e para o meio ambiente brasileiros de uma forma independente e plural.

Nosso maior presente tem sido a contribuição voluntária de jornalistas, escritores, historiadores, filósofos, antropólogos, ambientalistas, pensadores e pensadoras que fazem da Xapuri esse mosaico cultural, social e ambiental capaz de encantar corações e mentes Brasil afora.

Tão importante quanto, nos motivam as muitas mensagens que recebemos das pessoas que nos leem, que assinam a revista, que mandam comentários, fotos, poesias, textos, sugestões de pauta.

Para seguirmos nessa jornada, um bom presente de aniversário seria, para quem ainda não assina, tornar-se assinante e, para quem já assina, doar de presente uma assinatura da Xapuri.

Gratidão pela parceria!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk  
Editores

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**



“ Afagar a terra  
 Conhecer os desejos da terra  
 Cio da terra, a propicia estação  
 E fecundar o chão ”

Chico Buarque/Milton Nascimento

## COLABORADORES/COLABORADORAS OUTUBRO

**Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo e Antropólogo; **Anderson Blaine** – Web Designer; **Ângela Maria Feitosa Mendes** – Tecnóloga em Gestão Ambiental e Coordenadora do Comitê Chico Mendes; **Antenor Pinheiro** – Jornalista; **Iêda Vilas-Bôas** – Doutoranda em Literatura no Peru, Escritora; **Yvone Magalhães Duarte** – Integrante do Movimento Estratégico pelo Estado Laico (MEEL); **Jacy Afonso** – Diretor Nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT); **Jaime Sautchuk** – Jornalista, Escritor; **Leonardo Boff** – Filósofo, Teólogo, Escritor; **Lúcia Resende** – Mestra em Educação; **Thais Maria Pires** – Jornalista; **Zezé Weiss** – Jornalista Socioambiental.

## CONSELHO EDITORIAL

- |                         |                      |
|-------------------------|----------------------|
| 1. Jaime Sautchuk       | 8. Juan Pratginestòs |
| 2. Zezé Weiss           | 9. Marcelo Manzatti  |
| 3. Altair Sales Barbosa | 10. Neusimar Coelho  |
| 4. Binho Marques        | 11. Priscila Silva   |
| 5. Cássia Oliveira      | 12. Socorro Alves    |
| 6. Graça Fleury         | 13. Ronei Alves      |
| 7. Jacy Afonso          | 14. Rui Faquini      |



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental  
 Telefone: (61) 3044 7755. E-Mail: revista@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. **CNPJ:** 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Zezé Weiss (61) 9974 3761 ou Lúcia (061) 84046128. **Edição:** Jaime Sautchuk (61) 9918-0983 – Zezé Weiss (61) 9974 3761. **Revisão:** Lúcia Resende e Thais Maria Pires. **Produção:** Zezé Weiss. **Jornalista Responsável:** Thais Maria Pires - 386/GO. **Capa:** Acervo Histórico de Brasília. **Tiragem:** 20.000 exemplares. **Circulação:** Revista Impressa - Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo. Revista Web - Todo o território nacional. **ISSN** 2359-053x.



**10 CAPA**  
 Populações  
 Crescimento já preocupa o Brasil

**31 ECOLOGIA**  
 O sonho da semente peregrina

**14 SAÚDE**  
 Outubro Rosa 2015

**34 MOBILIDADE URBANA**  
 Panorama de opções

**18 DIREITOS HUMANOS**  
 Haitianos no Brasil

**36 OPINIÃO**  
 Cuide do seu decoro,  
 que eu cuido do meu decote

**18 CURTAS**

**20 CULTURA ECOLÓGICA**  
 A força das Ykamiabas

**24 CONHECIMENTO**  
 A boniteza do ensinar e aprender

**26 EDUCAÇÃO**  
 Planos de Educação – desafios  
 e incertezas em cenário de crise

**28 ECOTURISMO**  
 Inhotim – arte e natureza

**32 MEMÓRIA**  
 Homenagens lembram  
 Paulo Bertran

**38 PERFIL**  
 Ziraldo, a cara do Brasil

**40 SUSTENTABILIDADE**  
 Reservas extrativistas – 30 anos!

**42 LENDAS BRASILEIRAS**  
 Saci Pererê

**44 GASTRONOMIA**  
 Açafração-da-terra – cor e sabor que curam

**46 HUMANIDADE**  
 Sintomas da crise civilizacional





## POPULAÇÕES CRESCIMENTO JÁ PREOCUPA O BRASIL

Jaime Sautchuk

O Brasil tem sido citado em fóruns internacionais como um dos países que mais recebem refugiados procedentes principalmente do Oriente Médio, em especial da Síria. Mais até que muitos países europeus que têm se queixado do êxodo atual. Contudo, este fluxo migratório tem um peso insignificante diante do crescimento da população nativa daqui, este sim um fato que já preocupa autoridades do setor.

Pelas projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), em setembro de 2015 a população brasileira já estava na casa dos 205 milhões de habitantes. Pra se ter uma ideia, no ano 2000, na virada do milênio, o número de seres humanos dentro das fronteiras nacionais era de 173,4 milhões de pessoas.

Hoje, o crescimento anual supera a casa dos três milhões de habitantes, o que equivale, por exemplo, a uma cidade de Salvador, capital da Bahia, a cada doze meses. Isso coloca em xeque, inclusive, recentes

projeções feitas pelas Nações Unidas (ONU), estimando que a população brasileira será de 228,6 milhões de pessoas em 2030, o que significa uma taxa de crescimento bem inferior à que se registra na prática.

O documento Perspectivas da População Mundial estima que o número de habitantes do Planeta, que hoje é de 7,3 bilhões de pessoas, vai encostar em 10 bilhões no ano de 2050. O dado mais imediato, entretanto, é o de que a China e a Índia, os dois países mais populosos, vão

inverter suas posições dentro de sete anos. Ou seja, já em 2022 a Índia será o país mais populoso. Os dois já passam bem da faixa de um bilhão de habitantes cada.

Isto se deve, segundo o documento da ONU, às políticas chinesas de controle da natalidade, implantadas há algumas décadas, com efeito visível nas taxas de crescimento do país. Os indianos são refratários a controles, por razões principalmente religiosas. Além disso, alguns países africanos irão duplicar suas populações a cada década, o que compensa com larga folga as baixas taxas de aumento de populações europeias, ou até o decréscimo, como é o caso de Portugal.

É bem verdade que a fertilidade vem decaindo bastante não apenas na Europa, mas em todos os continentes. No entanto, também no mundo inteiro a expectativa de vida vem aumentando de modo significativo, mesmo em países menos desenvolvidos. Com isso, cresce a população idosa, o que é uma boa notícia, mas representa um peso maior aos estados, responsáveis pelo sustento dessa população, no mais das vezes via aposentadorias.

Não precisava a ONU alertar pra algumas consequências desse acréscimo exponencial da população global, que é um prenúncio de aumento da fome e da miséria. Cada criança a mais em qualquer país do mundo significa uma vaga a mais em escola, um leito de hospital a mais, uma boca a mais pra comer, pra beber água e assim por diante. Alguns problemas são de grandes dimensões.

Há muito tempo, especialistas vêm alertando quanto à questão da água, sendo conhecido o prognóstico de que uma Terceira Guerra Mundial, caso ocorra, será por causa do precioso líquido. Aliás, esse conflito já é latente em algumas regiões da

Terra. Parte das áreas ocupadas por Israel, por exemplo, como a Faixa de Gaza, estão sob sítio não pelo território em si, mas pela água nele contida.

### O CASO BRASILEIRO

No caso do Brasil, hoje o crescimento da população se dá de forma mais bem distribuída entre as cinco regiões. Nisso, contribuem de modo acentuado dois fatores. Primeiro, que mudanças socioeconômicas no Nordeste retrairam o histórico fluxo migratório, principalmente rumo ao Sudeste. Segundo, que os principais centros desta região (Rio e São Paulo) se tornaram pouco atraentes e hoje exportam gente pra outras regiões do país, em vez de atrair.

As políticas sociais de geração de renda, como o programa Bolsa-Família, tiveram função decisiva na contenção de migrações. Mas, também, o desenvolvimento da agropecuária, da indústria e do comércio em cidades do interior do Nordeste não só segurou populações em suas próprias localidades como promoveu o retorno de hordas de famílias que haviam sido expulsas pela seca e pela fome.

Os dois principais êxodos nordestinos ocorreram na virada do século 19 para o 20, com o Ciclo da Borracha na Amazônia, e na década de 1960, com o crescimento dos parques industriais de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses dois estados do Sudeste continuam crescendo, mas dentro da média nacional.

Também os assentamentos de populações rurais desalojadas de suas terras têm contribuído para o retorno de famílias pro campo, embora em quantidades bem inferiores às esperadas. Mas, por outro lado, a agricultura intensiva, dedicada à produção de grãos exportáveis, provocou forte migração nas últimas duas décadas. Esse

movimento, porém, se dá em direção a centros urbanos das próprias regiões afetadas pela mecanização.

### REFUGIADOS

O Papa Francisco, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, enfim, muita gente de estatura global elogiou a postura do Brasil diante de refugiados. E Dilma Rousseff reafirmou na assembleia da entidade das nações que o país está de braços abertos pra receber vítimas de perseguição política ou da sina



de guerras. "O Brasil é um país de refugiados", disse ela, sob aplausos.

Em verdade, essa história vem de longe. Não fosse a imigração europeia do século 19 nem eu estaria aqui, escrevendo na Xapuri, suponha. Lembrando que, embora incentivados pela monarquia brasileira, os egressos do Velho Continente também fugiam da fome, do acosso político e dos conflitos bélicos, como os andarilhos





de agora. E é bom demais que o Brasil fique ainda mais multifacetado.

Esse gesto de solidariedade é uma tradição da diplomacia brasileira – e reflete, claro, o amor tupiniquim. O Brasil é signatário de todos os documentos multilaterais que tratam do assunto e mantém, na esfera interna, o Comitê Nacional para Refugiados (Conare), um órgão que congrega vários ministérios, em nível de ministros.

Ademais, também recebe com igual abraço imigrantes vindos por outras razões, como os haitianos do pós-terremoto, por exemplo. (Veja matéria adiante, página 17). Hoje, o país abriga algumas dezenas de milhares de refugiados e, no momento, analisa cerca de 10 mil pedidos de asilo. Contudo, num passado recente o número de pedidos era muito menor e vinha em maior volume de países vizinhos, como a Colômbia.

Dali, era gente dos dois lados no conflito entre os governos locais e as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), movimento guerrilheiro que ocupa um pedaço do país há mais de 50 anos. Por isso, aqui, a maioria morava na Região Norte. Mas o recente acordo de paz entre as partes, firmado em setembro, em Cuba, conteve a geração de refugiados.

Agora, a maior demanda é de africanos e de árabes, em especial sírios, fugitivos da guerra civil no país. A preferência de moradia recai sobre o Sudeste, mas, de todo jeito, esses chegantes representam uma alteração apenas residual no quadro demográfico brasileiro.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



A prefeitura de Valparaíso de Goiás está transformando a educação. Já criamos mais de 3 mil vagas nas escolas municipais. Para isso, compramos uma escola, reformamos e ampliamos outras cinco, transformamos cinco anexos em novas escolas, fizemos funcionar uma que ficou fechada na gestão anterior e inauguramos mais três novas escolas. Estamos investindo em prédios próprios. Só na compra da nova sede da secretaria de educação a prefeitura já economiza R\$ 10 mil por mês em aluguéis. Com seriedade e honestidade na gestão dos recursos públicos vamos inaugurar mais escolas, creches e quadras esportivas, já em construção.





# Outubro Rosa 2015

Zezé Weiss

Nossa primeira matéria sobre o movimento internacional conhecido como Outubro Rosa, que simboliza a prevenção, o incentivo ao diagnóstico precoce e a luta contra o câncer de mama, foi veiculada em novembro de 2014, na edição 01 da Xapuri.

Nela, compartilhamos informações básicas sobre o movimento que surgiu na última década do século 20, nos Estados Unidos. Contamos que o laço rosa foi usado pela primeira vez em 1990, em Nova York, durante a primeira Corrida pela Cura do Câncer de Mama, realizada pela Fundação Susan G. Komen ([www.komen.org](http://www.komen.org)).

Contamos também que ninguém sabe ao certo onde nem como começou o costume de

iluminar de rosa prédios e monumentos ao redor do mundo, mas que no Brasil o primeiro prédio iluminado de que se tem notícia foi o Mausoléu do Soldado Constitucionalista, mais conhecido como o Obelisco do Ibirapuera, em São Paulo, no dia 02 de outubro de 2002.

De lá pra cá, em 30 de junho do ano em curso, fui diagnosticada com um câncer de mama, tipo HR2, grau 3, de tumor primário oculto com carcinoma metastático na região axilar direita. Em poucas horas, minha vida virou de ponta-cabeça.

Começaram os momentos difíceis, de altos e baixos, primeiro com o processo doloroso de tentativa de localização do tumor primário e de identificação do tipo de câncer, e depois, semanas mais tarde, com os efeitos do início do próprio tratamento, com 12 sessões iniciais de quimioterapia e a previsão de uma mastectomia radical para o mês de novembro.

Enquanto enfrentava a fase mais difícil do detalhamento do diagnóstico, o gesto solidário de muitas pessoas, mas especialmente de Lucia Resende e Jaime Sautchuk que, além do que já faziam, assumiram completa e integralmente a minha parte do trabalho na produção e distribuição da revista, e de Iêda Vilas-Bôas, que ajuda a cuidar da captação, me permitiu investir meu tempo em pesquisas sobre como me fortalecer para enfrentar o tratamento com melhores chances de vencer o câncer.

Nesses últimos meses, recebi de centenas de anjos e anjas,

espalhados Brasil e mundo afora, informações fantásticas e fundamentais – desde orações (das mais diferentes crenças e religiões) a chás e poções, a recomendações de dietas anticâncer, para complementar as sessões de quimioterapia e a primeira fase do tratamento tradicional e para viver melhor depois da cura.

Dentre elas, uma das que mais me ajudaram foi a sugestão de leitura do livro *Anticâncer – Prevenir e vencer usando nossas defesas naturais*, da Editora Ponto de Cultura, onde o médico David Servan-Schreiber relata como lutou contra um câncer no cérebro, diagnosticado aos 31 anos de idade, e como inventou uma nova maneira de viver durante e depois do tratamento.

“Todos temos um câncer dormindo em nós. Como todo organismo vivo, nosso corpo fabrica células defeituosas permanentemente. É assim que nascem os tumores (...) No Ocidente, uma pessoa em cada quatro vai morrer de câncer,

mas três em cada quatro não morrerão”.

O médico David atribui à adoção de uma dieta anticâncer, naturalmente junto com o tratamento tradicional e com todos os tratamentos alternativos possíveis, a capacidade do corpo humano de desenvolver as defesas necessárias para vencer o câncer.

Para esta edição de aniversário da Xapuri, ao expressar nosso compromisso editorial e nossa solidariedade com o Outubro Rosa, compartilho informação sobre os fatores de agravamento e de proteção da dieta anticâncer do médico David que, mesmo com um câncer gravíssimo, conseguiu sobreviver por mais de 15 anos.



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental

## DIETA ANTICÂNCER

FATORES DE AGRAVAMENTO	FATORES DE PROTEÇÃO
Dieta ocidental tradicional	Dieta mediterrânea, cozinha indiana, cozinha asiática
Açúcares e farinhas refinadas	Farinhas multigrãos
Carne vermelha de animais criados em escala industrial	No máximo três vezes por semana: carne orgânica de animais criados a pasto ou alimentados com farinha de linhaça
Óleos ricos em ômega-6 (milho, girassol, soja)	Azeite, óleo de linhaça, óleos de canola Peixes gordurosos, ricos em ômega-3
Laticínios de animais criados em escala industrial (especialmente em se tratando de laticínios ricos em gordura)	Laticínios de animais criados a pasto ou alimentados com farinha de linhaça
Ovos de galinhas criadas em escala industrial, alimentadas com milho e soja	Ovos enriquecidos com ômega-3 ou ovos de galinhas caipiras ou alimentadas com farinha de linhaça
Sensação persistente de raiva ou desespero	Risadas, leveza, serenidade
Menos de 20 minutos de atividade física por dia	Caminhadas de 50 minutos três vezes por semana ou caminhadas de 30 minutos seis vezes por semana
Fumaça de cigarro, poluição atmosférica, poluentes domésticos	Meio ambiente limpo





**Aproveite suas férias.  
Deixe sua casa sob nossos cuidados.**

**TASS**

61 3033 3333



## HAITIANOS NO BRASIL

Jaime Sautchuk

A última desgraça geológica no Haiti, que já tem bons anos, espalhou gente daquele país mundo afora. Muitos deles vêm pro Brasil, a partir de 2010, e aqui entram pela porteira do Acre, estado amazônico, que já foi boliviano e faz fronteira com a própria Bolívia e com o Peru.

Os haitianos chegam por ali porque é mais fácil. Saem do Caribe até o Equador, passam pelo território peruano e entram no Brasil, no mais das vezes, pelas mãos dos famosos coiotes, os agenciadores de mão de obra ou traficantes de gente do nosso vizinho andino.

Ou seja, mesmo que tenham saído do Haiti com alguma poupança nos bolsos, chegam aqui pelados, pois os tais coiotes confiscam tudo o que o cidadão tiver. A maioria gasta em torno de US\$ 4 mil em duas semanas

de viagem. E aí carecem da amizade e do carinho do povo brasileiro, para que se sintam em casa, tenham algum calor humano.

O governo do Acre faz as vezes do Brasil e acolhe os que chegam. Dá a esses imigrantes alguma esperança de uma vida digna. Muitos logo se arranjam em alguma atividade, especialmente em Rondônia, onde havia muitas obras em curso, na construção civil. Agora, com a conclusão das obras das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira, o quadro mudou de figura.

De todo modo, os haitianos não são considerados refugiados, pois, em tese, não correm ameaça de morte em seus países. O conceito de "refugiado", pelas normas internacionais, se refere aos

ameaçados por razões políticas. Se a morte ronda no Haiti pela fome e doenças pós-terremoto, não cria esse direito.

Pesquisa realizada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República revela que cerca de 50% desses haitianos, quase todos homens jovens que viajaram sozinhos, não têm destino certo. Uma parte (16%) escolhe São Paulo e outra parcela, que passa dos 22% escolhe Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre e outras cidades do Sul, onde se empregam no setor de serviços, na maioria.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



## MOTOCICLETA RURAL



Na roça, a montaria animal sempre foi uma mão na roda. Ainda hoje, em muitos lugares, um bom cavalo é sinônimo de fartura e bom gosto, que ajuda nas lidas da lavoura, no tanger de boiadas, nas visitas a vizinhos e idas à cidade. Pois é, mas os tempos mudam. Um estudo

do Observatório de Mobilidade e Saúde Humanas do Estado de Goiás sobre o epidêmico problema das mortes por acidentes de trânsito faz uma revelação surpreendente. É crescente o número de acidentes fatais com motos na zona rural. Os técnicos foram atrás de explicações e constataram que cada vez mais esta é a montaria preferida no campo. Máquinas potentes servem pra tocar boiadas, vistoriar pastos e lavouras ou visitar vizinhos e ir pra cidade. Em grande parte, pilotos sem habilitação nem capacitação. Daí, são quedas fatais em grotões e choques nas estradas.

## VIOLÊNCIA CONTRA JOVENS E ADOLESCENTES É DISCUTIDA EM FORMOSA

Aconteceu na tarde de quinta-feira, 17 de setembro, a audiência pública da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Violação de Direitos de Crianças e Adolescentes da Assembleia Legislativa de Goiás. Realizada na Câmara Municipal de Formosa, essa foi a quarta audiência pública regional.

O evento contou com a participação do deputado Ernesto Roller (PMDB), que mobilizou autoridades do município para o encontro. Estiveram presentes, também, as deputadas estaduais delegada Adriana Accorsi (PT) e Isaura Lemos (PCdoB), vice-presidenta e relatora da CPI, respectivamente, e o deputado Carlos Antônio, presidente da Comissão.

Além de autoridades de Formosa e de outros municípios da região Nordeste do estado, participaram da audiência pública conselheiros tutelares de 11 municípios. São eles: Água Fria de Goiás, Alvorada do Norte, Buritinópolis, Campos Belos, Flores de Goiás, Formosa, Mambai, Mimoso de Goiás, Simolândia, Sítio D'Abadia e Vila Boa.

## SUSTENTABILIDADE NOS PEQUENOS NEGÓCIOS

O Sebrae acaba de lançar a segunda edição da série Sustentabilidade nos Pequenos Negócios, um conjunto de oito cartilhas com orientações para empresas que queiram mudar suas práticas com relação à sustentabilidade.

Os temas abordados são: sustentabilidade, gestão sustentável, eficiência energética, gestão da água, gestão de resíduos sólidos, produção e consumo responsáveis, licenciamento ambiental e certificação. As orientações abordam requisitos legais, oportunidades de mercado e viabilidade econômica para os pequenos negócios, e o propósito é tornar as empresas mais competitivas, fornecendo a visão do ambiente regulatório e da sustentabilidade como oportunidade de negócio.

Na ocasião do lançamento, o presidente do Sebrae, Luiz Barretto, afirmou: "O tema significa muito mais do que ter atitudes que preservam o meio ambiente e os seus recursos naturais. No mundo corporativo, a sustentabilidade significa redução de custos e aumento na lucratividade. Os donos de pequenos negócios que conseguem incorporar o viés econômico, social e ambiental aos seus empreendimentos, tornam eles diferenciados no mercado e com potencial de atrair mais clientes".

Cartilhas disponíveis para download em [www.sustentabilidade.sebrae.com.br](http://www.sustentabilidade.sebrae.com.br).



# RESPONSABILIDADE COM AS CONTAS PÚBLICAS É PRIORIDADE



**Reestruturação das contas públicas**  
Quitou Folha do funcionalismo (dez/12), Incentivo Funcional (2010 -2012), Rescisões (2011-2012), Fornecedores, Parcelamento de Dívidas, GELG, Pasep.

**Folha salarial em dia**



PREFEITURA DE  
**Formosa**  
Construindo uma vida melhor



# A FORÇA DAS YKAMIABAS

O mito das mulheres guerreiras da Amazônia

Iêda Vilas-Bôas

O que é um mito? É um relato fantástico, de tradição oral, transmitido através da cultura de um povo; mitos são seres que encarnam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana. O mito é uma narrativa, comum, de lastro épico, acerca dos tempos heroicos, que consegue trazer para a realidade atual um fundo de verdade.

Ressaltaremos um que não figura entre os mais conhecidos, mas é de suprema necessidade para a valorização da mulher e do Sagrado Feminino. Afinal, a vida, a natureza, a lua, a chuva, as crias... Grande parte do mundo é feminino. O mito das Ykamiabas (Icamiabas) reforça a união entre as

mulheres, o apoio e a superação das mazelas femininas, revivendo na memória coletiva os ideais de liberdade, igualdade e independência. Esse mito celebra o triunfo da mulher alcançado na batalha por dias melhores.

As Ykamiabas (em Tupi) eram mulheres guerreiras que viveram na Amazônia, na região que se estende entre os Rios Xingu e Juruá, num período bem anterior à era Cristã, e encontraram sua derrocada com a invasão de Orellana em suas terras. Para ligar o mito à Teoria Literária, projeta-se o pensamento de feministas como Gloria Anzaldúa, Julia Kristeva, Simone de Beauvoir, Andrea

Nye, entre outras, para compreender e analisar o comportamento das fortes guerreiras e entender a força e o isolamento sem a presença do espécime masculino em uma vida de estrutura matriarcal.

As Icamiabas descendiam de povos de uma dinastia lunar e vieram do velho continente Asiático para o Novo Mundo por meio da ação da natureza, trabalhando por milênios na abertura de passagens, como o estreito de Bering. Elas dominaram todo o vale do Amazonas. Existia na região Amazônica, próximo às cabeceiras do rio Nhamundá, um reino formado somente por mulheres guerreiras, conhecidas como Icamiabas, isto é, mulheres sem homens ou ainda mulheres sem maridos e, ainda, com uma terceira interpretação, mulheres que viviam escondidas dos homens, com quem mantinham contatos esporádicos e com fins bem definidos: a procriação de meninas.

Em certas épocas do ano estas mulheres belas e guerreiras celebravam suas vitórias sobre o sexo oposto. O parceiro era escolhido por elas, sem muitas delongas e num ritual dentro do Lago Sagrado. Então, começava a grande festa, A festa da Fertilidade, que durava vários

dias, durante os quais as mulheres recebiam índios da aldeia dos Guacaris, tribo mais próxima, com os quais mantinham relações sexuais e procriavam. Terminado esse período, elas abandonavam seus eleitos e se retiravam para sua moradia em um lugar sagrado, onde prestavam culto feminino à deusa Mãe-Terra e à Lua. As morenas Icamiabas presenteavam os Guacaris com os quais se acasalavam com um amuleto, o que os faria serem bem recebidos onde o exibissem.

Essas mulheres possuíam imensa força física e política em suas mãos. Conquistavam terras e mantinham-se em isolamento. Estabeleciam relações amistosas com algumas tribos vizinhas e escolhiam seus parceiros, para que fossem fecundadas.

Ao darem à luz, se nascesse uma menina, esta permaneceria para sempre com a mãe e se tornaria também uma Icamiaba. Se o rebento fosse um menino, este esperaria o tempo do aleitamento e no ano seguinte, na festa do ritual, era devolvido à tribo do pai. Numa outra versão, não tão arraigada às convenções maternas vigentes, diz-se que, se dessa união nascessem filhos masculinos, estes seriam sacrificados.

Suas tradições eram mantidas e repassadas às futuras gerações através da oralidade em forma de contação de histórias, de declamação e cantoria de poesias épicas. Assim ficaram conhecidas as Ykamiabas, as "cunhãs-teco-imãs", mulheres doidas, temidas, ousadas, corajosas. As Ykamiabas representam o arquétipo mais puro e primitivo da feminilidade, santificavam

a solidão, a vida natural, e possuíam um amor intenso pela liberdade, pela independência e pela autonomia.

## O MUYRAQUITÃ (MUIRAQUITÃ)

Essas mulheres presenteavam seus eleitos com o Muiraquitã, o que selava um acordo tácito de fidelidade. A entidade dona das águas e dos muiraquitãs entregava a cada uma daquelas mulheres uma pedra de cor verde. Nesta pedra encontravam-se esculpidos estranhos símbolos que eram entregues às Icamiabas ainda moles, porém, logo que saíam da água eles endureciam. Segundo o Mito, os amuletos eram vivos e ficavam no fundo do Lago e, para apanhá-los, as índias feriam-se e deixavam cair uma gota de sangue sobre a pedra que tomava o formato de um animal que simbolizava toda a força desejada.

O Muiraquitã era em pedra Jade, de maior significância ritualística, e se destacava pelo fascínio, pelo mistério e pela controvérsia que envolvia o mineral. O amuleto possuía formas variadas: cilíndricas, antropomórficas e zoomórficas, sendo os mais afamados os de forma batraquiiana (sapo). O que importava era a magia do amuleto e seus dotes terapêuticos que atraía sorte aos seus detentores e promovia a cura de doenças.

A fama e o exotismo do amuleto tornaram-no cobiçado desde os primórdios da colonização da Amazônia. Poucos são os exemplares que podem ser apreciados atualmente, principalmente em sua região originária. Eles estão espalhados pelos principais museus do mundo e em coleções particulares. O Museu



Foto: www.brasilecultura.com.br

Foto: www.dana.com.br

de Santarém, em Belém, exibe mostra do raro artefato.

A vida moderna e consumista também cuidou de cultivar o talismã na bela arte da joalheria, desenvolvendo um gosto pelo mistério e pelo mito ao alcance da população.

MELO, Regina. Ykamiabas: Filhas da Lua, Mulheres da Terra. Editora Travessia, 2004.

VOLPATTO, Rosane. Brasil. Mitos e Lendas, 2000.



**Iêda Vilas-Bôas**  
Presidenta da Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano (ALANEG)



Foto: www.enfoqueamazonia.com.br



# CEF 12 DE CEILÂNDIA NOS “RASTROS NO CERRADO”

Trabalhar o tema consumo sustentável não é tarefa fácil, pois lidamos não apenas com adolescentes, mas também com seus familiares, com questões culturais e também com leis ambientais e/ou políticas públicas que não condizem com a realidade dos estudantes.

Quem explica é o professor de Ciências Naturais do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 12 de Ceilândia, Egbert Amorim Rodrigues, coordenador do Projeto Rastros no Cerrado - graduado em Ciências Biológicas e especialista em Gestão Educacional.

Com cerca de mil estudantes, o CEF 12 de Ceilândia conta com o Rastros no Cerrado, um projeto que busca sensibilizar a comunidade escolar para a importância da utilização responsável, consciente e solidária dos recursos naturais e para a boa qualidade de vida.

Egbert explica que tudo começou a partir do diagnóstico socioambiental realizado pela

mobilizar a comunidade escolar em torno da reflexão do “lixo” produzido e como reduzir seus impactos no ambiente; reduzir o desperdício de energia elétrica na escola e nas residências; mobilizar outras pessoas a utilizarem mais os meios de transporte coletivo e/ou bicicletas; e refletir a respeito da qualidade de vida a partir da nossa alimentação e das alternativas disponíveis.

Segundo Egbert, o estudante é incentivado a refletir sobre essas questões. “Essa é uma maneira de socializar e trazer para a escola essa discussão, trabalhando esse conteúdo em ligação com outras áreas do conhecimento. Por exemplo com o Português, quando fazemos a leitura de livros específicos e quando confeccionamos cordel ou gibis para abordar o assunto. Em matemática, fazemos uma análise mais crítica, analisando a conta de água, os gráficos gerados a partir da pegada ecológica, por aluno e por turmas de toda a escola”, diz. Ou seja, o projeto dialoga com diferentes componentes curriculares, propondo-se assim a interdisciplinaridade.

No CEF 12 são realizadas diversas ações, como palestras, vídeos, leitura de livros e jornais, oficinas, cartazes, saídas de campo, seminários, dentre outras ações que ocorrem durante o ano letivo, tanto no período normal de aula, quanto no contraturno com os monitores ambientais.

Para espanto dos estudantes, o professor lembra que metade da vegetação original do Cerrado já foi eliminada, devido principalmente à expansão da atividade agropecuária. “Ao fazer uma reflexão crítica com os estudantes sobre a pegada hídrica, um exemplo fundamental é o da carne bovina, pois para cada quilo utiliza-se aproximadamente 15.500 litros de água. Sem falar que a criação bovina libera gás metano, o que agrava também o aquecimento global. A intenção é que a análise da pegada hídrica faça com que as pessoas reflitam sobre o que elas consomem e o seu impacto nos produtores, para que estes possam melhorar sua produção, diminuindo a quantidade de água tanto agropecuária quanto na fabricação de diferentes produtos”, conta Egbert.

COM-VIDA – formada por alunos, professores e funcionários da escola -, no qual se constatou diversos problemas, dentre eles o desperdício de água, de energia e de comida, bem como hábitos alimentares inadequados que muitos possuíam.

Para tanto, o projeto busca fazer uma reflexão crítica sobre a pegada ecológica; reduzir o desperdício de água na escola e nas residências;



Fotos: Deva Garcia



Arquivo CEF 12

Para além do que já foi feito, o projeto se propõe a realizar uma reflexão/discussão mais aprofundada sobre a pegada hídrica; plantio de mudas para conservação de mananciais na Chácara do Sinpro-DF; visita ao Museu do Lixo do SLU; orientar sobre as consequências do desperdício de comida; realizar passeio ciclístico com a comunidade local; cultivar horta em pequenos espaços nas residências para se ter uma alimentação mais saudável; e realizar uma oficina sobre alimentos saudáveis.

“Acredito que quando a gente cuida do ambiente em que trabalha, onde mora, em que se convive, ajudamos o planeta - em especial o nosso bioma, o Cerrado. Você ajuda a você mesmo para que tenhamos um ar mais limpo, uma água com qualidade e alimentos mais saudáveis. Então, cuidar da questão ambiental é também cuidar da nossa saúde e ter melhor qualidade de vida”, finaliza Egbert.

Para quem desejar mais informações sobre o Projeto Rastros no Cerrado, o CEF 12 funciona na EQNO 02/04 - Setor O - Ceilândia - DF. Telefone: (61) 3081-2381 - diretor Cristiano e vice-diretor Rosevaldo. Os e-mails são [cef12ceil@gmail.com](mailto:cef12ceil@gmail.com) e [egbert\\_amorim@hotmail.com](mailto:egbert_amorim@hotmail.com)





## A BONITEZA DO ENSINAR E APRENDER

Jacy Afonso

Ensinar é um exercício de imortalidade, diz Rubens Alves. “De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra”. Afirmativa confirmada pelas crianças que, embevecidas, veem na professora (sim, porque são imensa maioria na profissão), infinitas possibilidades. Mais do que alguém que transmite conteúdos, educadores/as estabelecem relações, exercitam

lideranças profissionais, sociais, políticas. A relação professor/a e criança, para além da proximidade das datas comemoradas em outubro, se estabelece naquilo que Moacir Gadotti define como “tratado de sonhos e sentidos na perpetuação da boniteza do ensinar-e-aprender”; convivência escolar não nasce da mera execução de um currículo oficial, visto que a relação entre o cognitivo e o afetivo é o fundamento do fazer

educativo.

No Brasil, conforme dados do Censo Escolar (2013) e do IBGE (2014), estão matriculados 50,54 milhões de alunos na educação básica; destes, 42,22 milhões (83,5%) estão na escola pública, que possui mais de 3 milhões de professores. Pesquisas mostram ainda que ser professor/a traz realizações pessoais; contudo, a desvalorização da educação e daqueles/as que nela atuam, as condições de trabalho, o

número de alunos por classe, os salários não dignos e as exigências cada vez mais complexas desestimulam a escolha da profissão.

O Plano Nacional de Educação (PNE) trouxe elementos novos e importantes para a educação brasileira. A feitura do Plano teve contribuições fundamentais das entidades ligadas à educação, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE) e a Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal (Confetam). Durante o processo de debates no Congresso Nacional ocorreram embates acalorados, expressão da disputa entre conservadores e progressistas.

As principais divergências apareceram em financiamento e destinação dos recursos e na questão de gênero. Esta última se estendeu para os debates dos Planos Estaduais e Municipais de Educação. Parlamentares retrógrados retiraram do texto o que inicialmente também seriam diretrizes do Plano: gênero e orientação sexual. O argumento: estes temas não devem ser tratados pela escola; são prerrogativas familiares. Porém, são temas sociais e culturais. Segundo dados do Ipea, 527 mil pessoas são estupradas por ano no Brasil. Destas, 89% são mulheres e 70% são crianças e adolescentes. Como a educação ignora isso e não aborda questões de gênero na escola?

Professores/as jamais se propuseram a desempenhar o papel da família; ao contrário, sempre destacam as responsabilidades dos pais e/ou responsáveis. A integração família-escola é que torna possível uma educação emancipadora. Grandes mestres como Paulo Freire e

seus discípulos apontam que a tarefa última do educador é a de tornar as pessoas mais livres e menos dependentes do poder econômico, político e social. O professor é um profissional do sentido – “saber é saborear”; é também um organizador da aprendizagem, um líder, um sujeito social e político. O processo educativo não pode ser cerceado por concepções preconceituosas, discriminadoras, que promovem a apatia e o rancor social.

A complexidade do ambiente escolar exige a consideração de todos os aspectos que permeiam as relações que ali se constroem. As crianças precisam se sentir seguras e confortáveis em suas curiosidades. Educadoras e educadores têm responsabilidade sobre seu fazer educativo. E sabem que ética tem natureza exemplar.

A escola não pode prescindir da relação dialógica professor-aluno. O diálogo é um fenômeno humano capaz de, sem imposição de crença, cultura e conceitos, levar à reflexão e mobilizar a ação de meninos e meninas. Considerando valores universais como igualdade, respeito, diversidade, o/a professor/a torna-se o mediador das diferenças, o articulador das experiências das crianças com a família, com a escola, com a sociedade. Conduz com respeito e afetividade o diálogo que leva à reflexão, assumindo um papel humanizado e humanizador.

As referências pedagógicas e sociológicas nos apontam ser impossível considerar o professor um profissional que não está profundamente comprometido com seu fazer. Como máquina não é, carrega suas experiências

pessoais, culturais e sociais. Cercear a possibilidade de saborear e viver uma relação de proximidade, de confiança, de respeito entre professor e criança insiste na retirada do sentido do ensinar-aprender, soterrando as possibilidades de que a profissão seja valorizada, de que a escola seja digna, de que a educação tenha o compromisso ético com a autonomia emancipadora das pessoas.

A boniteza do ensinar-aprender está em construir possibilidades para que as crianças possam aprender, conviver honestamente, viver com dignidade. A pedagogia que pauta a relação entre professores e crianças é mais do que de resistência. É uma pedagogia da esperança, da possibilidade e da utopia.

Numa Escola em Havana

O filme “Numa Escola em Havana”, do cineasta cubano Ernesto Daranas, é inspirador para comemorar o Dia das Crianças e o Dia do Professor. Carmela, a professora às vésperas da aposentadoria, acolhe o menino Chala com todas as suas vivências pessoais. Reconhece suas qualidades de líder nato e sua inteligência. Estabelece com ele uma relação de respeito, liberdade e afeto. O filme questiona as regras de conduta estabelecidas em todos os ambientes sociais que, em geral, ignoram a essência humana de cada indivíduo.



**Jacy Afonso de Melo**  
Dirigente Nacional da Central Única dos Trabalhadores - CUT





## PLANOS DE EDUCAÇÃO – DESAFIOS E INCERTEZAS EM CENÁRIO DE CRISE

Planos, desafios e incertezas, eis o horizonte da Educação brasileira. O Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado no Congresso Nacional e sancionado pela presidenta da República em junho de 2014, é um conjunto de metas e estratégias que pretendem melhorar substancialmente a qualidade da Educação no Brasil.

Ao se definir como “Pátria Educadora”, o Estado brasileiro reconhece a urgência de se estabelecer – já com injustificável atraso – a Educação como prioridade. O PNE, fruto de amplo debate, coloca em pauta questões fundamentais como qualificação, valorização e cuidados com a saúde dos professores e dos trabalhadores em Educação; expansão e reestruturação das escolas públicas; adequação do trabalho pedagógico a realidades específicas; acessibilidade e inclusão, por exemplo.

Além disso, o PNE institui a obrigatoriedade de que 10% do PIB sejam aplicados na Educação (atualmente este percentual é de cerca de 6,5%). Uma das fontes de financiamento está prevista na lei 12.858, sancionada em setembro de 2013, que destina 75% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social do Pré-Sal para a Educação. A lei prevê que os recursos serão aplicados progressivamente, devendo chegar a R\$ 112,25 bilhões, em dez anos.

Para garantir sua efetividade, o PNE determinou que estados e municípios fizessem ou estabelecessem metas em consonância com as definidas em nível nacional.

Dados do MEC apontam que a grandíssima maioria dos estados e municípios já tem seus planos. No caso de Goiás, o texto final virou lei em 22 de julho de 2015, e os

planos municipais, na sua quase totalidade, estão prontos. Ou seja: planos não faltam. Mas, se planos não faltam, sobram desafios e incertezas.

Em nível nacional, a crise econômica – agravada por uma crise política – e o ajuste fiscal, com contingenciamento de recursos, inclusive da Educação, colocam em dúvida a possibilidade de que as metas do PNE sejam cumpridas. No mês de maio, o governo anunciou o bloqueio de R\$ 69,9 bilhões em gastos no orçamento de 2015, a título de ajuste fiscal. Destes, R\$ 9,42 são retirados da pasta da Educação.

O cenário preocupa, e muito. É o que afirma Bia de Lima, presidenta do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (Sintego). Segundo ela, “o cumprimento das metas, tanto em nível federal quanto estadual, é uma grande preocupação para nós, do Sintego.

Nós sabemos que com esse corte de R\$ 9,42 bilhões do orçamento, que foi feito a título de ajuste fiscal, vai haver um prejuízo irreparável para a Educação. Nós defendemos que a presidenta Dilma busque resolver os problemas da crise financeira taxando grandes fortunas, taxando as remessas de lucros das empresas para o exterior, mas não cortando orçamentos cruciais como Educação e Saúde”.

A Xapuri levou ao MEC essas preocupações, e o Coordenador-Geral de Apoio à Gestão Democrática, Assistência e Acompanhamento aos Sistemas de Ensino Diretoria de Articulação com os Sistemas de Ensino (SASE), Flávio Bezerra de Sousa, especificamente com relação ao cumprimento das metas, afirmou: “considerado o cenário, momentâneo e adverso, estamos buscando rever critérios, estabelecer mecanismos equalizadores de priorização na assistência financeira e técnica e estudando cada caso. Aquilo que é estruturante e essencial na Educação, e que são pautas importantes do planejamento para a próxima década, será preservado. O MEC está procurando fazer o melhor, considerando um cenário histórico em que, durante anos, crescemos e avançamos muito. O balanço dos programas do MEC e do Plano de Ações Articuladas (PAR), por exemplo, ajudará a mitigar os impactos desse momento difícil nos planos de educação”.

O horizonte, portanto, é de incertezas.

### GOIÁS – O QUE JÁ ERA RUIM PODE FICAR PIOR

Em Goiás, a realidade é outra, e muito mais grave. Não existe uma crise política que agrava e gera incertezas no âmbito da economia, como acontece em nível nacional. O que há é um estado altamente endividado, mergulhado numa crise financeira profunda, que vem servindo nos últimos anos para justificar medidas que afetam gravemente os trabalhadores e trabalhadoras da Educação.

Na reforma administrativa, realizada no início da nova gestão, houve a fusão das secretarias de Educação, Esporte e Lazer e Cultura, evidência de que, em Goiás, os acertos de caixa de um estado endividado vêm trazendo prejuízos à Educação.

Medidas recentes adotadas pelo governo impõem mais sacrifícios, mais perdas e mais desestímulo, com a retirada de direitos anteriormente conquistados. Por exemplo, a concessão de progressão, que será apenas uma vez ao ano; antes, segundo o Estatuto do Magistério, deveria ser assinada em janeiro e julho. E novo projeto de alteração do Plano de Carreira, a ser votado pela Assembleia Legislativa, fixa em apenas 1% do quadro do magistério o número de professores e professoras a terem licença para qualificação. Além disso, o/a trabalhador/a terá direito apenas a três faltas justificadas, e somente se apresentar atestado médico, e não poderá exceder 18 faltas durante o ano. Sem contar a data-base/2015, dos servidores e servidoras administrativos que deveria ter sido paga em maio, mas até hoje não se fala quando será efetuado o pagamento.

Com relação ao PEE, o Executivo fez mudanças que retiram as esperanças dos profissionais da Educação, pois todos os pontos que previam a valorização da carreira foram retirados. A comparação entre o projeto entregue em maio pela Comissão, fruto de amplo e qualificado debate, e o encaminhado pelo Executivo e aprovado pela Assembleia, onde tem irrestrito apoio, revela os absurdos, demonstrados em matéria de edição anterior da revista Xapuri (setembro/2015).

Diante disso, a conclusão é inevitável: “em Goiás, o que já está ruim pode ficar muito pior. Não bastassem as perdas acentuadas nos últimos quatro anos, o projeto do PEE, construído nas audiências públicas, com destaque para a valorização profissional, foi alterado de modo arbitrário pelo governador e aprovado de modo apressado, sem nenhuma

discussão, pela Assembleia Legislativa. A lei sancionada não se compromete com a Educação de qualidade, como orienta o PNE – afirma Bia de Lima.

Desde agosto, a Xapuri vem tentando, sem êxito, ouvir a secretária Raquel Teixeira (Seduce) sobre os cortes feitos pelo Executivo no PEE. Nos últimos dias, tentamos também que ela se pronunciasse sobre os desafios com relação ao cumprimento das metas estaduais no cenário de crise financeira profunda existente em Goiás. Até o fechamento desta edição, não obtivemos resposta.

Perguntas enviadas a Seduce, em 22 de setembro, sem resposta.

1. O Governo de Goiás passa por uma situação econômica complicada que levou a uma reforma administrativa profunda, impactando nos servidores, com a suspensão de pagamento da data-base, mudanças no plano de carreira dos professores e, mais uma vez, no pagamento do Piso. Na sua visão, como esse cenário econômico de Goiás interfere na implementação do Plano Estadual de Educação?
2. Como o governo pretende fazer para cumprir as metas estabelecidas no PEE e contribuir para o cumprimento das metas nacionais, diante da crise financeira do Estado?
3. O Estado de Goiás está preparado para cumprir as metas de valorização profissional estabelecidas no PNE?
4. Com relação à valorização profissional, o governo retirou pontos importantíssimos do projeto enviado pela Comissão, antes de enviar o texto ao Legislativo. Por que isso aconteceu? Isso diminui o compromisso com a valorização dos profissionais da Educação?
5. Outros comentários?

**SINTEGO**  
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

filiação à



# INHOTIM

## ARTE E NATUREZA

Lúcia Resende

Pessoas de toda a parte chegam a Brumadinho, cidadezinha de cerca de 35 mil habitantes, na região metropolitana de Belo Horizonte, Quadrilátero Ferrífero, atraídas por um novo conceito: um museu onde natureza e arte se juntam para possibilitar a imersão das pessoas num mundo de riqueza cultural e ambiental ímpar. O Instituto Inhotim é um complexo museológico onde tudo coexiste sem separação. Gente, arte e natureza, tudo em sintonia, tudo muito junto e muito misturado. E bem ali, entre as montanhas das Minas Gerais, onde outrora outro tipo de riqueza produziu separação, espoliação e estranhamento.

### OUTRA RIQUEZA

Mais de 500 obras produzidas por artistas de diferentes partes do mundo, refletindo de forma atual sobre as questões da contemporaneidade, se espalham nos diversos pavilhões, nas galerias e em áreas abertas, num cenário deslumbrante de jardins, lagos, montanhas e vales. Há, em Inhotim, obras criadas especialmente para morarem ali, para encantarem e surpreenderem, num local que já gerou decepção aos “desbravadores” de um sertão onde se buscava a esmeralda, verde objeto do desejo para os dedos e pescoços das moçoilas e donzelas de então, que ainda hoje faz brilhar olhos e minar bolsos salões afora.

Hoje, entretanto, a riqueza abrigada naquele espaço é de muito mais valia, de muito mais valor. Trata-se da produção e disseminação da cultura

humana e da preservação ambiental, atreladas, para constituir possibilidade indiscutível de existência séculos adiante.

Em Inhotim é possível percorrer e admirar jardins, muitos deles concebidos por Burle Marx, além de pedaços de floresta, de ambientes rurais. Em cada parte, pode-se encontrar, à espreita, uma obra de arte. Ali, é possível sentir cheiros e sabores, ouvir animais, ver cores e viver amores.

Com novos projetos inaugurados periodicamente, incluindo obras criadas especialmente para o local e recortes monográficos e

temáticos do acervo, Inhotim é a única instituição brasileira que exhibe continuamente um acervo de excelência internacional de arte contemporânea.

### JARDIM BOTÂNICO

Campo de estudos ou de mera contemplação, o Jardim Botânico Inhotim (JBI), abriga aproximadamente 5 mil espécies, 181 famílias botânicas, 953 gêneros, o que representa mais de 28% das espécies conhecidas do Planeta. Isso representa a maior coleção em número de espécies de plantas vivas entre os jardins botânicos brasileiros. Ali está uma das mais

relevantes coleções de palmeiras do mundo, com aproximadamente 1,4 mil espécies. E também a coleção de *Arecaceae*, família que inclui imbés, antúrios e copos-de-leite, com cerca de 450 espécies, a maior da América Latina. E, ainda, mais de 330 espécies de orquídeas para fascinar quem tem a sorte de deparar com suas flores, sempre motivos de fascínio e encanto. E muito mais.

No paisagismo do JBI encontram-se também espécies ameaçadas e plantas pouco conhecidas, estratégia utilizada para divulgar e sensibilizar os visitantes sobre a importância da biodiversidade vegetal para a sobrevivência humana.

### LINHA DO TEMPO

**1980** – idealização, pelo empresário Bernardo Paz.

**2002** – fundação do Instituto Cultural Inhotim, instituição sem fins lucrativos, destinada à conservação, exposição e produção de trabalhos contemporâneos de arte e que desenvolve ações educativas e sociais.

**2005** – início das visitas pré-agendadas das escolas da região e de grupos específicos.

**2006** – abertura ao grande público em dias regulares e com estrutura completa para visitação.

**2007** – criação da Diretoria de Inclusão e Cidadania, voltada para o desenvolvimento regional.

**2008** – reconhecimento como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) pelo governo de Minas Gerais.

**2009** – reconhecimento da condição de Oscip pelo governo federal.

**2010** – recebimento do título de Jardim Botânico pela Comissão Nacional de Jardins Botânicos (CNJB).

### COMO CHEGAR

Partindo de Belo Horizonte, são cerca de 60 km, por três caminhos:

1. Pela BR-381, em direção a Betim, depois da barreira da Polícia Rodoviária Federal, entrar à direita na marginal que leva à cidade de Brumadinho (trecho sinalizado).
2. Pela BR-040, saída para o Rio de Janeiro, após o trevo de Ouro Preto, entrar à direita, na Serra da Moeda.
3. Pela BR-040, saída para o Rio de Janeiro, virar à direita no Posto Chefão, Parque Rola Moça (km 547).

### Contato:

Telefone: +55 31 3571-9700

E-mail: info@inhotim.org.br

Endereço: Rua B, 20, Brumadinho – MG – Brasil – CEP 35 460-000

Fonte: www.inhotim.org.br



**Lúcia Resende**  
Professora.



# Projeto abre espaço para privatização generalizada

O movimento sindical vê com reservas o Projeto de Lei de Responsabilidade das Estatais (PLS 555/2015), que prevê a transformação das empresas públicas em sociedades anônimas, por considerá-lo uma ameaça ao patrimônio dos brasileiros, uma vez que abre espaço para uma privatização generalizada. Para os representantes dos trabalhadores, a proposta, que tem como pretexto a 'transparência', coloca novamente em risco a Caixa 100% pública.

**Eduardo Araújo**, presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília, avalia com cautela o PLC 555 e teme que o governo recrudesça na investida de abrir o capital da Caixa e coloque uma parte das suas ações à venda no mercado.

Por isso, ele alerta sobre a necessidade de ampliar a mobilização, desta vez envolvendo todos os setores da sociedade, já que a ameaça não se restringe à Caixa.

Todos os brasileiros endossam a necessidade de transparência na gestão das empresas estatais e defendem a melhoria da governança nas empresas públicas, como, por exemplo, com a eleição de representantes de trabalhadores e de membros da sociedade para compor os conselhos de administração, como algo importante e essencial.

O PLS 555 é um substituto ao PL 167 de 2015, do senador Tasso Jereissati (CE), e uma referência ao PLS 343, também deste ano, do senador Aécio Neves (MG), ambos do PSDB.



## O SONHO DA SEMENTE PEREGRINA

Altair Sales Barbosa

Sou uma semente peregrina. Venho de um tempo muito distante. Minhas ancestrais, chamadas angiospermas, brotaram há pelo menos 100 milhões de anos, inaugurando um capítulo da história da Terra denominado Cretáceo.

Dispersada inicialmente pelo vento, cobri o planeta de clorofila. Quando me originei, a Pangeia já estava fragmentada em Laurásia e Gondwana, há 70 milhões de anos. Na época, eu também fui para o Norte e para o Sul, como um tapete macio, esperando o pisoteio dos recém surgidos mamíferos. Algum tempo depois, o planeta fragmentou-se em unidades menores, formando os continentes atuais. A partir de então, fiquei isolada dos meus

ancestrais e na nova terra me adaptei a cada ambiente. Adquiri feições particularizadas, dando origem a várias outras plantas, que hoje os botânicos classificam como espécies endêmicas.

Do alto das grandes árvores, pude presenciar a transformação do planeta. Presenciei o nascimento do homem, e vi este se esparramar pelo mundo, conquistando de forma acanhada, depois de forma violenta, os espaços que eu e minhas irmãs preparamos para ele e para os outros animais. Presenciei a extinção de vários parentes, nossas matrizes, pelas ferramentas e tecnologias que o homem foi inventando.

Um belo dia entrei em estado de dormência e acordei com um

pesadelo horrível. Sonhei que o planeta Terra havia ficado estéril e eu me encontrava dentro de uma grande estufa, num canto qualquer de uma estação espacial. No meio do meu sonho, cheguei a ouvir o som de uma viola. Senti naquele momento uma grande dor e chorei de saudade da terra. Acordei encharcada pelas lágrimas doloridas. Hoje, com os olhos lacrimejando, lhe imploro para me semear em algum cantinho fértil deste pequeno planeta, antes que meu sonho se torne realidade.



**Altair Sales Barbosa**  
Doutor em Antropologia/  
Arqueologia pela  
Smithsonian Institution -  
EUA





# HOMENAGENS LEMBRAM PAULO BERTRAN

Jaime Sautchuk

Vários eventos e atividades estão sendo realizados em Goiás, Brasília e outras partes, pela passagem dos dez anos da prematura morte de Paulo Bertran, que foi no dia 2 de outubro. Ele foi, seguramente, o pesquisador brasileiro que melhor desbravou o Brasil Central, trabalho que está presente em sua grandiosa obra e em realizações que deixou pra posteridade.

Sua trajetória de vida é, por si só, um pouco da história desses sertões goianos. Seu nome completo era Paulo Bertran Wirth Chaibub, fruto da mistura de imigrantes suíços e árabes que foram bater no coração do Brasil. Ele nasceu em Anápolis, Goiás, em 1948. E passou boa parte de sua infância e juventude em Goiânia, cidade que transpirava o vigor dos novos centros urbanos.

Em meio à efervescência estudantil dos anos 1960, secundarista, ele dividia seu tempo entre a agitação das ruas e os estudos. Além da escola regular, estudava línguas e música. Sua

mãe, dona Helena, conta que nas refeições em casa ele não conversava com ninguém, apenas mastigava o que lhe dessem e seguia nas leituras.

Certa feita, conseguiu levar a cantora Maria Betânia, musa da rebeldia de então, que se apresentava na cidade, a um encontro de jovens em sua casa. Ele havia ido ao teatro, furado a vigilância, entrado no camarim e conversado com ela ainda do show. Ela passou o endereço a alguém da produção e prometeu que iria. E foi, pra alegria da ruidosa galera que a aguardava.

## HISTORIADOR E ARTISTA

Bertran fez graduação em Economia na Universidade de Brasília (UnB), depois foi fazer pós-graduação em Strasburg, na França. Chegou a lecionar em várias universidades brasileiras, mas os gabinetes acadêmicos nunca foram bem a sua praia.

Apesar de formação em Economia, desde a monografia na UnB, sobre a exploração mineral em Niquelândia (GO), ele se apegou à História.

Graça Fleury, sua companheira no final de sua vida, costuma dizer que "ele era genial: pianista, pintor, jornalista, inventor, fotógrafo e também poeta; e ainda encantado, canta, inspira, escreve histórias e estórias, inventa, celebra, ele se desnuda e ama intensamente, por isto mesmo Paulo Bertran é universal e imortal". Era enciclopedista, multidisciplinar, pois ia da Geologia à Geografia, da Biologia à Botânica, da Literatura à Arquitetura, nada escapava de seu crivo.

As dificuldades financeiras foram suas parceiras a vida toda. No período da universidade, em curso diurno, ele gastava algumas noites da semana tocando piano em bares de Brasília, como forma de assegurar seu sustento. Não foram poucas as vezes que chegava

à UnB direto da noite. Mesmo assim, ainda encontrava tempo pra namorar - ele se casou três vezes e teve três filhos com as duas primeiras esposas.

No esforço da pesquisa ele sempre preferiu trabalhar com fontes primárias, indo direto às informações. Por isso, ficou conhecido como pesquisador extremamente rigoroso em suas andanças bibliográficas e de campo. No Brasil, a pé, em lombo de mula ou boleia de caminhão, percorreu os sertões, as estradas de índios e bandeirantes, descobrindo o porquê dos nomes dos acidentes topográficos e as histórias do povo.

O livro História da Terra e do Homem no Planalto Central, com o subtítulo Eco-história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador, já teve várias edições, a última delas pela Editora Universidade de Brasília (EDU/UnB).

No campo da História, ele publicou também, entre outros, os livros Formação Econômica de Goiás, Uma Introdução à História Econômica do Centro-Oeste do Brasil e Notícia Geral da Capitania de Goiás. Como poeta, o destaque é o livro Sertão do Campo Aberto.

Em Portugal, vasculhou os arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, onde elaborou análises e conclusões questionadoras. Em verdade, revolucionárias, por mudarem as interpretações que se tinha de fatos históricos. Foi o responsável, por exemplo, pela elaboração do Projeto Resgate da Documentação Histórica da Capitania de Goiás no Arquivo Ultramarino de Lisboa.

## A TERRA E O HOMEM

Premiada no Brasil inteiro, sua obra remonta toda a história da ocupação do Planalto Central, da Pré-História aos anos 1990, o que inclui, portanto, a construção de Brasília. Como seus títulos deixam claro, não se trata da história das elites. É a história da gente que ali

chegava, do índio que ali morava e da sua relação com o ambiente do Cerrado.

Bertran travou severa batalha para corrigir uma falha da Constituinte de 1988, que, ao tratar dos biomas nacionais, deixou de fora o Cerrado. E com "C" maiúsculo, como Amazônia ou Mata Atlântica. Até porque, como dizia e demonstrava, o Cerrado é muito mais importante do que se difunde até em cartilhas escolares. E criou o vocábulo Cerratense, que designa o ser humano deste bioma.

No campo institucional, foi criador do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC-PUC-GO), do Instituto Bertran Fleury (IBF), da revista DF-Letras, entre outros. Criou, juntamente com Graça Fleury, o Memorial das Idades do Brasil, em Brasília, em 2002, um museu a céu aberto, com representações de

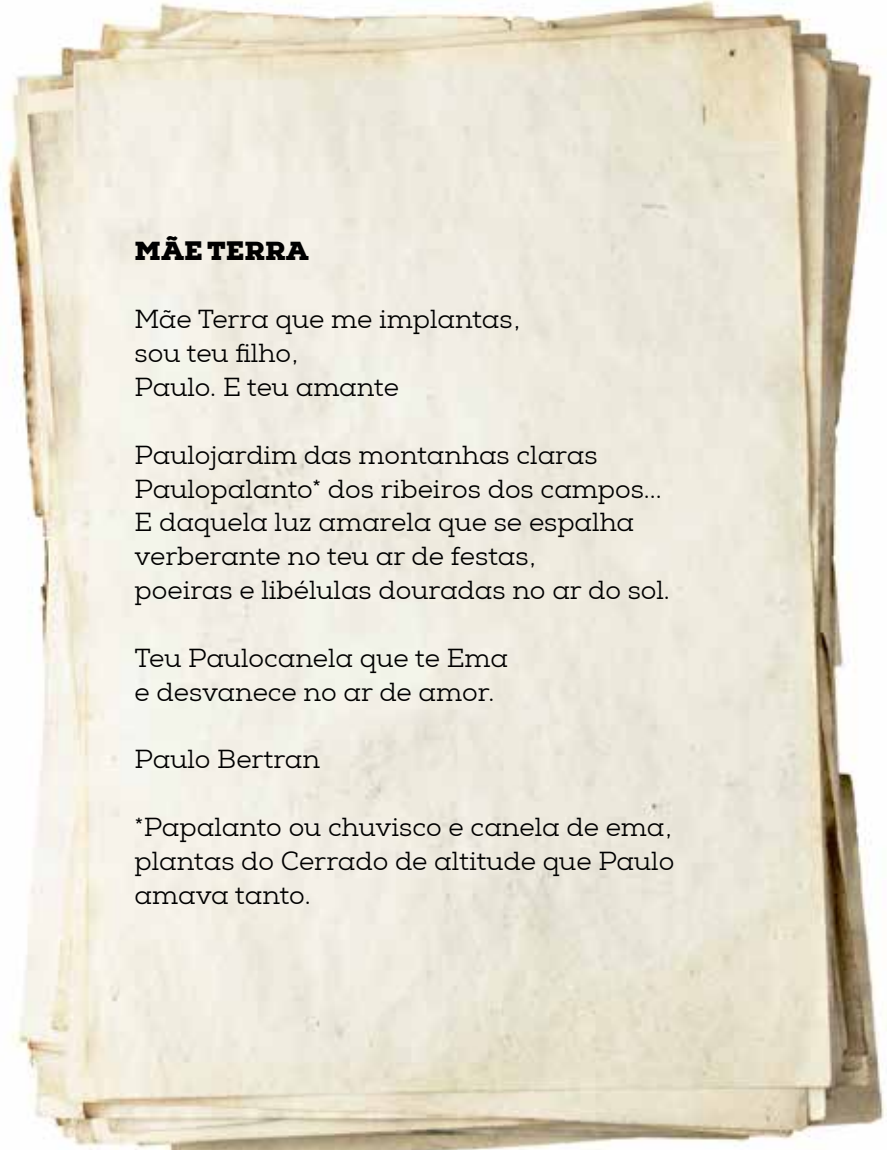
pinturas rupestres encontradas em 22 estados brasileiros.

Bertran fez, também, todos os levantamentos e estudos que viabilizaram o tombamento da Cidade de Goiás como Patrimônio da Humanidade, pela Unesco. Ao falecer, em 2005, por seu desejo, foi sepultado, ali, na antiga capital goiana, onde hoje funciona o Memorial Paulo Bertran, que acaba de ser ampliado e será palco de homenagens.

E são tributos mais que justos. Afinal, hoje ninguém pode dizer que conhece verdadeiramente a História do Brasil se não tiver se embrenhado um bocado na obra de Bertran.



Jaime Sautchuk  
Jornalista. Escritor



### MÃE TERRA

Mãe Terra que me implantas,  
sou teu filho,  
Paulo. E teu amante

Paulojardim das montanhas claras  
Paulopalanto\* dos ribeiros dos campos...  
E daquela luz amarela que se espalha  
verberante no teu ar de festas,  
poeiras e libélulas douradas no ar do sol.

Teu Paulocanela que te Ema  
e desvanece no ar de amor.

Paulo Bertran

\*Papalanto ou chuvisco e canela de emá,  
plantas do Cerrado de altitude que Paulo  
amava tanto.



# Panoramadeopções

O bom não é ir e voltar do jeito que se pode, mas ter opções distintas e dignas de fazê-lo.

Antenor Pinheiro



A fotografia é de Amsterdam/HOL. Parece simplesmente reportar um cenário corriqueiro para o turista que atravessa o Oceano Atlântico com o intuito exclusivo de conhecer esta belíssima cidade. Afinal, seus canais, flores, avenidas, usos e costumes que marcam a irreverência de seu povo são elementos atraentes que colocam esta cidade em todos os circuitos turísticos do mundo.

Mas esta fotografia tem algo mais, aliás, muito mais! Ela é uma fotografia panorâmica produzida a partir da escala do pedestre e traz em seu enquadramento uma multiplicidade de opções de deslocamentos humanos. Tomada a partir do olhar técnico do fotógrafo, consegue retratar a coexistência de diferentes modais de transportes interagindo simultaneamente em seus espaços de mobilidade. Traduz a dinâmica de urbanidade que toda cidade precisa ter e zelar. Permite enxergar as pessoas vivenciarem seus consensos e dissensos

sociais no território urbano, cada qual proveniente de um ponto qualquer da cidade por meio de opções distintas de deslocamento.

Mas não se trata de uma fotografia accidental. Seu enquadramento foi deliberado, sua composição cuidadosamente planejada antes do clique, porque os objetos nela inseridos são elementos fundamentais de uma cidade que é exemplo de mobilidade ativa no mundo. Não precisava tanto! Logo descobriu-se que esses elementos são uma constante na cidade. Qualquer ângulo panorâmico que se pretenda fotografar, lá estão a interagir, no mínimo, cinco modais de transportes simultaneamente. Exemplo de equidade no uso dos espaços de mobilidade.

A grande indagação é: as cidades brasileiras permitem panoramas semelhantes? Respondo que não, a despeito da legislação brasileira disponibilizar todas as ferramentas necessárias para tal.

## ÔNIBUS

O mais popular modo de transporte, o ônibus é elemento obrigatório em todas as cidades do mundo que possuem sistemas de transportes de passageiros. Concebido para infraestruturas diversas, sua eficiência se comprova principalmente se a frota contar com corredores dedicados (segregados ou preferenciais), pontos de conexões e terminais inteligentes. Pode funcionar como veículo alimentador ou troncal, e sua frota distribuída em rede, o que requer planejamento que garanta regularidade, pontualidade e celeridade.

## BARCO

Muito utilizado em cidades que possuem rios, baías, estreitos e canais naturais ou construídos com o objetivo de integrar áreas metropolitanas, ou de determinada cidade, a outros modais estabelecidos em terra. O barco compõe elemento paisagístico atraente e bastante funcional, mas requer investimento em saneamento ambiental de qualidade.

## BICICLETA

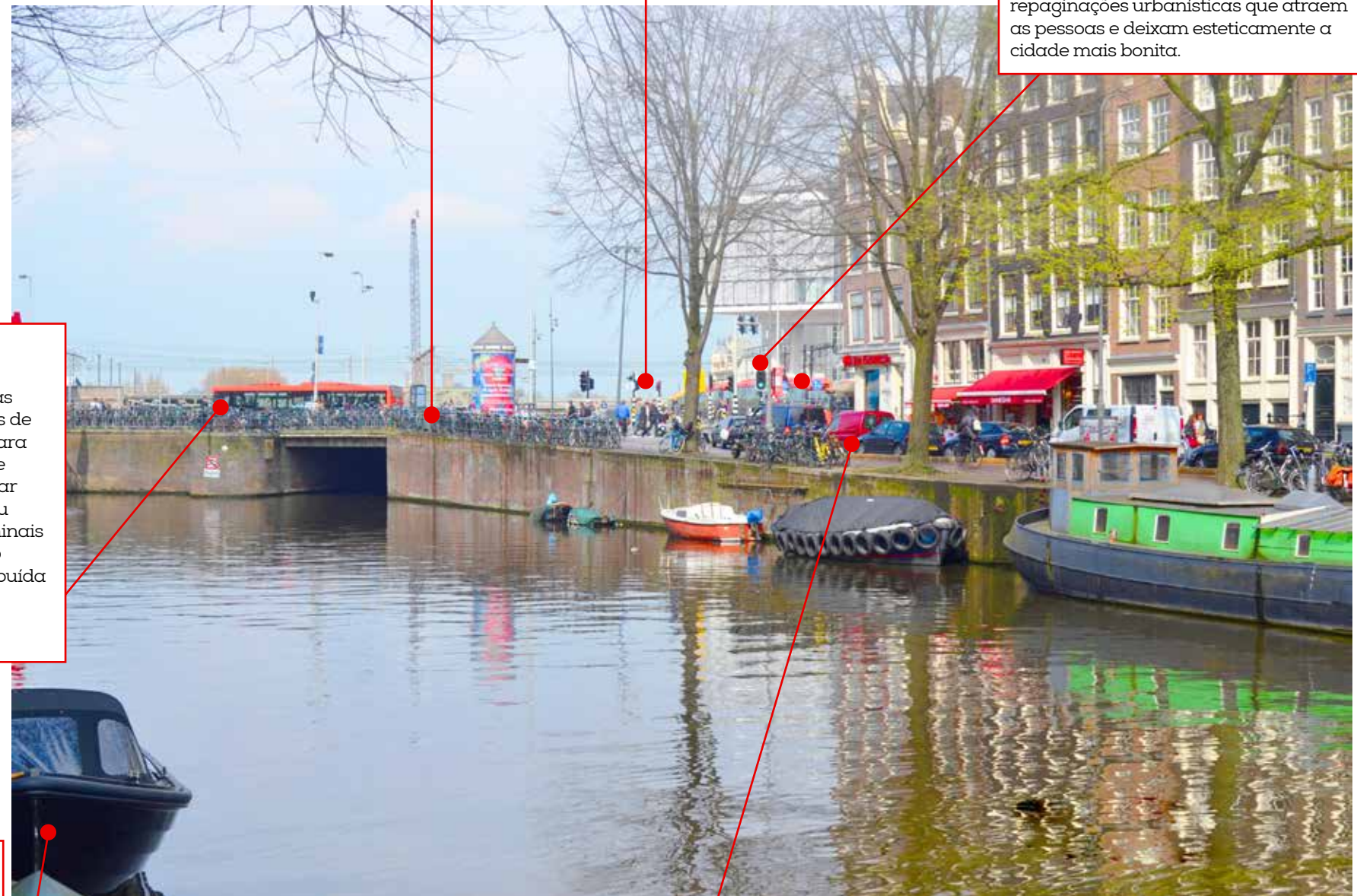
Importante modal de transporte humano, também é concebida como equipamento de esporte e lazer. Sua capilaridade nas cidades depende de infraestrutura adequada que garanta segurança e integração aos demais sistemas de mobilidade. Para que seja concebida efetivamente como meio de transporte, a bicicleta necessita mais que de infraestrutura, pois seu sucesso está vinculado a planos de gestão contínuos, direcionados sobretudo ao estímulo do seu uso.

## PEDESTRE

Elemento mais frágil da circulação viária, exige construção e manutenção de calçadas acessíveis para garantia de sua segurança. A qualidade do deslocamento a pé tem muito a ver com o desenho urbano e as políticas de resgate da caminhada de curta distância como modal de integração.

## VLT

O Veículo Leve Sobre Trilhos (VLT) permite transportar passageiros em ambientes compartilhados e integrados a outros modais. Sua composição inserida na paisagem da cidade é charmosa e ambientalmente correta por usar energia limpa. Mais que linha de transporte, o VLT é uma tecnologia a partir da qual se concebe um projeto de cidade, pois as áreas lindeiras ao eixo em que é instalado ganham equipamentos especiais e repaginações urbanísticas que atraem as pessoas e deixam esteticamente a cidade mais bonita.



## CARRO

O mais predador dos modos de transporte, o carro tem hipoteticamente seu valor identificado no conforto e na segurança. Estudos apontam que o usuário do carro é o que mais está exposto ao desconforto (congestionamentos) e agravos (acidentalidade), além de emitir gases poluentes que comprometem a saúde pública. Como transporte individual, o carro requer políticas específicas para racionalização de seu uso. Como tal, é boa opção na captação de recursos para o financiamento do transporte coletivo e sistemas não motorizados.



**Antenor Pinheiro**  
Jornalista, Coordenador da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP) Regional Centro-Oeste.



# CUIDE DO SEU DECORO,

# QUE EU CUIDO DO MEU DECOTE



Luiz Alves

Yvone Magalhães Duarte

O Estado brasileiro tem o respeito à intimidade como princípio e a democracia como método para realização de direitos.

O Parlamento brasileiro tem sua existência fundada na representação popular, logo, na existência e trânsito de símbolos, práticas e saberes que contemplam a diversidade, o exercício da cidadania.

Hoje estamos assistindo ao recrudescimento religioso e

fundamentalista ameaçar a laicidade do Estado brasileiro. É histórica a justificativa fraudulenta de violência contra a mulher baseada no uso de suas vestimentas e não na realidade machista e patriarcal em nossa sociedade, que concebe a mulher como propriedade doméstica aos interesses do homem.

Por outro lado, a vestimenta não se restringe a uma questão estética, mas, sobretudo,

constitui uma condição identitária ou de localização social dos cidadãos e cidadãs. Ademais, precisamos pensar que representantes de diversos movimentos sociais, como quilombolas, índios, seringueiros, pescadores artesanais, quebradeiras de coco babaçu e agricultores familiares, bem como estudantes e trabalhadores, que frequentam diariamente os edifícios da Câmara

dos Deputados, utilizam camisetas, tênis, calças jeans, sandálias e vestimentas não convencionais, se considerado o chamado padrão *code dress*. As exigências de padrão de vestimenta irão afastar dos debates decisórios atores importantes da sociedade.

A proposta do *code dress* que tramita na Câmara dos Deputados tenta impor padrões culturais e de controle sobre as mulheres por meio da vestimenta. A imposição de um código para a vestimenta fere a liberdade individual e, além disso, tal iniciativa fere a autonomia das mulheres sobre seu corpo, remetendo a concepções ultrapassadas de que a mulher é portadora de pecado.

É preciso destacar também que a veste dos senhores parlamentares não é elemento definidor de sua ética ou de seu decoro, nem tampouco da ética ou do decoro de qualquer cidadão ou dos servidores e servidoras da Casa.

Por isso, qualquer tentativa de uniformizar a diversidade estética e identitária da população brasileira deve ser repudiada. Toda tentativa de, a partir do discurso do decoro, impor detalhes de vestimenta como comprimento das saias, tamanho do decote, transparência dos tecidos, cores de tênis etc, deve ser repudiada. Não se medem a ética ou o decoro pelo tamanho da saia, vestido ou decote.

Decoro no Parlamento

deve ser concebido pela postura ética, pela defesa da laicidade do Estado, pela luta permanente para garantia de direitos de minorias políticas, como as mulheres. E não no cerceamento de direitos historicamente conquistados.

Se os parlamentares desejam garantir austeridade e respeitabilidade ao Poder Legislativo, não será por meio de medidas constrangedoras, conservadoras e moralistas, será por meio da construção e aprovação de propostas necessárias e prioritárias para o bem da sociedade brasileira.

Há temas em trâmite no Congresso Nacional extremamente relevantes, nas diferentes áreas de políticas públicas, que estão a demandar decisão. Há

também propostas diretamente relacionadas à moralização de nosso sistema político, como as regras de financiamento das campanhas eleitorais. Tem-se na pauta do Legislativo o déficit orçamentário a ser solucionado. Dessa forma, há inúmeros e complexos problemas que devem preencher a agenda do Congresso.

Portanto, parlamentar, cuide do seu decoro, que eu cuido do meu decote.



**Yvone Magalhães Duarte**  
Integrante do Movimento Estratégico pelo Estado Laico (MEEL)







Foto: www.tropicalfm99.com.br

# ZIRALDO, A CARA DO BRASIL

Jaime Sautchuk

É um artista que se dedica desde sempre às crianças, mas é respeitado, lido, curtido por milhões de adultos, mundo afora. Seu nome jamais sumirá de nossa história, pois se trata de um enorme homem das artes e do jornalismo, com forte ressonância na educação e na política, sempre em defesa de um terreiro chamado Brasil.

Ele nasceu em Caratinga, Minas Gerais, em outubro de 1932, cidade que adora, mesmo vivendo no mundão de Deus, como diz. E se tornou muito conhecido ainda na década de 1960, por criar e produzir as histórias em quadrinhos "A Turma do Pererê", um marco da literatura brasileira. Em especial, porque ele deu nova vida a personagens do folclore nacional, em contraponto ao que

vinha do exterior. A revista saiu de circulação pela primeira vez logo após o golpe de estado de 1964.

O que tínhamos, à época, em forma de gibis, eram os Pato Donald e Mickey, do hollywoodiano Walt Disney, que levavam mundo afora a ideologia dominadora dos Estados Unidos, em plena Guerra Fria. Isso, mesmo quando Disney incluiu em sua trupe um personagem abrigado, com o nome de Zé Carioca.

Mas, por incrível que pareça, esses são detalhes na vida deste sujeito. Só de livros, por exemplo, ele tem mais de cem publicados. É isso mesmo, quase 200. E papel destacado na imprensa. Foi um dos criadores, e, como editor, segurava a onda do jornal "O Pasquim", do Rio de Janeiro, criado em 1969 e que se tornou uma importante

referência da imprensa nacional.

Em plena ditadura militar, o jornal reunia os maiores nomes do humor no jornalismo tupiniquim pra propagar uma mensagem de liberdade, de democracia, e por isso padecia. A Censura Federal era feroz, cortava dois terços do que era produzido. E os seus editores, inclusive esse de que falamos, foram presos várias vezes. Mas ele, sempre sorrindo.

De suas criações, as gerações mais novas são familiarizadas, talvez, com o "Menino Maluquinho", obra de 1980. É um personagem que nasceu meio por acaso e se tornou por demais conhecido por meio de revistas, TV e um filme que é um dos maiores sucessos de bilheteria nas últimas décadas, nos cinemas do país e fora daqui.

Ainda menino, foi morar com a

avó no Rio de Janeiro, mas dois anos depois voltou pra sua cidade natal, onde terminou o segundo grau e prestou serviço militar, no Tiro de Guerra local. De família modesta, era um entre sete filhos, entre os quais, Zélio, também renomado cartunista. Casou-se com dona Vilma, gente da terra, e tiveram dois filhos, também artistas, que são a cineasta Daniela Thomas e o compositor Antônio Pinto. Formou-se em Direito em 1957, em Belo Horizonte, pela Universidade Federal de Minas Gerais, mas nunca exerceu a profissão.

Estamos falando, já é claro, de Ziraldo Alves Pinto, que completa 83 anos de idade. Mas não lhe passa pela cabeça pedir penico, pensar em aposentadoria no trabalho. Muito pelo contrário, ele faz inveja a muitos jovens que já pegaram o boné. E mantém seu jeito alegre, festivo, sempre bem-humorado, de bem com a vida. É um jeitão desprendido, de coração aberto, generoso ao extremo.

Desde criança, sempre teve no desenho sua paixão e com isso se destacava na escola ou onde quer que estivesse. Trabalhou como cartunista nos jornais Folha da Manhã (hoje Folha de S. Paulo) e Jornal do Brasil e nas revistas A Cigarra e O Cruzeiro, onde criou personagens como "Jeremias, o Bom", sempre com humor afiado. E são incontáveis os trabalhos que já fez, como cartazes de filmes, murais e ilustrações de todo tipo. E seria

enfadonho, também, enumerar os prêmios com que já foi agraciado, no Brasil e no exterior.

Ele gosta de pessoas de bem em qualquer setor da vida. É amigo de empresários e operários, de comunistas e conservadores. E muito antes de pedir qualquer coisa, prefere doar. Mesmo quando se trata de dinheiro. Ele, pela sua trajetória de vida, poderia ser milionário, rasgando notas de cem. Mas não é. Leva uma vida comedida, como um cidadão de classe média que tira seu sustento dos afazeres que tem. O resto,

dividiu com alguém que precisava mais ou com projetos mais engajados que lucrativos.

É certo que gerou polêmicas por ser beneficiado com uma razoável bolada como anistia, reparação de danos da ditadura, e um valor mensal pelo resto da vida. Ele e mais vinte jornalistas haviam entrado com ação coletiva e tiveram seu pleito atendido pela Comissão de Anistia do Governo Federal. Quando criticado, ele rebateu alegando que, de fato, tinha sido severamente prejudicado pelo regime militar, com prisões e censura, e que merecia o reparo.

De igual modo, ele entra em aventuras bastante custosas. Foi o caso, por exemplo, de uma revista que criou já nos anos 2000. Pra satirizar a revista "Caras", que enaltece as ostentações das elites nacionais, ele inventou outra revista, a "Bundas", no mesmo formato, com edição refinada, mas com conteúdo popular.

Gastou mundos e fundos, a revista ficou de excelente qualidade, mas com um problema: não vendia. Só depois ele veio a saber o porquê. Pesquisas revelaram que as pessoas chegavam nas bancas e tinham vergonha de falar "eu quero a 'Bundas'". Resultado: o projeto quebrou. Em seguida, reeditou o antigo sucesso, com o nome de "O Pasquim21", que durou alguns anos, mas também sucumbiu por problemas financeiros.

Entretanto, quem pensa que Ziraldo se abala com isso, está muito enganado. A todo instante, vemos novas realizações desse cara que é a cara do Brasil.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



ZIRALDO



CASA DE  
CHICO  
MENDES

# RESERVAS EXTRATIVISTAS

# 30 Anos!

Ângela Maria Feitosa Mendes

*"Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer nossa luta, até que valeria a pena. Mas a experiência nos ensina o contrário. Então, eu quero viver. Ato público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia. Quero viver."*  
Chico Mendes

O tiro que estourou o peito do sindicalista e ambientalista Chico Mendes na noite de 22 de dezembro de 1988, deixando o Brasil e o mundo órfãos de uma das maiores lideranças de movimento social já surgidas na Amazônia, foi incapaz de impedir a realização dos sonhos do Chico e dos povos da floresta.

Neste outubro de 2015, a proposta inovadora das Reservas Extrativistas, apresentada por Chico Mendes no I Encontro Nacional dos Seringueiros, em outubro de 1985, na Universidade de Brasília (UnB), tornada política pública e expandida Brasil afora ao longo dos anos, completa as suas primeiras três décadas de vida.

Definidas como espaços territoriais destinados ao uso sustentável dos recursos naturais, à proteção dos meios de vida e da cultura das populações tradicionais, as Reservas Extrativistas (RESEX) são áreas

pertencentes ao domínio do poder público, com direito de usufruto das populações extrativistas.

Gomercindo Rodrigues, presente no encontro histórico de Brasília como assessor do movimento dos seringueiros, explica o impacto do que ele considera o "achado" das RESEX:

"Para os ambientalistas que defendiam a preservação da floresta com discurso, mas sem ter um projeto, enquanto o governo fazia o 'desenvolvimento' da Amazônia com discurso, projeto e dinheiro para financiar a devastação, a partir dali havia uma bandeira, o modelo de desenvolvimento sustentável dos seringueiros para defender".

A partir do Encontro de Brasília, a Amazônia passou a ter dois projetos distintos: um do governo, da pecuária; outro dos povos da floresta, com o apoio dos ambientalistas. Os seringueiros

dizendo: "Queremos as nossas áreas como as dos índios, com a terra sendo da União, e a gente tendo o direito de usufruto sem ser para destruir". Por ali, alguém disse: "Vocês não são índios, vocês são extrativistas". E ali mesmo no Encontro surgiu "a reserva extrativista" como expressão da proposta que partiu dos seringueiros."

As primeiras RESEX foram criadas no Acre em 1990 – a Reserva Extrativista do Alto Juruá, criada pelo decreto 98.863 de 23.01.1990, com 506.186 hectares, e a Reserva Extrativista Chico Mendes, criada em março de 1990, com 970.570 hectares.

No ano 2.000, a Lei 9.985/00 criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) e estabeleceu que as RESEX devem ser criadas mediante lei específica e administradas pelo órgão

ambiental correspondente em nível federal ou estadual.

Segundo dados do Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (CNUC-julho/2015), existem hoje no Brasil 90 Reservas Extrativistas, das quais 62 são federais, administradas pelo Instituto Chico Mendes para a Conservação da Biodiversidade (ICMBio), e 28 são estaduais, administradas pelos órgãos ambientais nos estados.

Localmente, cada unidade é gerida por um Conselho Deliberativo presidido pelo órgão administrador e constituído por representantes das populações tradicionais locais, dos órgãos públicos e da sociedade civil organizada, que aprova e monitora a execução do Plano de Manejo de cada Reserva Extrativista.

## CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS CNS

Nascido junto com as RESEX no mesmo encontro histórico de Brasília, de igual forma como resultado dos empates (enfrentamentos pacíficos dos seringueiros e suas famílias contra o poder das máquinas que desmatavam as florestas do Acre) e da organização dos seringueiros sob a liderança de Chico Mendes nos anos 1980, o CNS também completa 30 anos em outubro de 2015.

Ao longo dessas três décadas, o CNS se fortaleceu como entidade de defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras agroextrativistas – seringueiros, castanheiros, coletores de açaí, quebraadeiras de coco babaçu, balateiros, piaçabeiros, integrantes de projetos agroflorestais, extratores de óleo e plantas medicinais – organizados em associações, cooperativas e sindicatos, distribuídos por todos os estados da Amazônia.

Em 2009, as mais de 400 lideranças extrativistas dos nove estados da Amazônia, presentes no 2º Congresso e no 8º Encontro

Nacional das Populações Extrativistas da Amazônia, realizados simultaneamente em Belém, aprovaram a mudança do nome original da entidade – Conselho Nacional dos Seringueiros – para Conselho Nacional das Populações Extrativistas, mantendo a mesma sigla, CNS. "Modernizamos o CNS sem perder a essência da luta que justifica a nossa existência", diz Joaquim Belo, presidente nacional do CNS.

"Para atender às demandas dos tempos atuais, desde 2011 criamos o 'Chamado da Floresta', que é um processo de mobilização, articulação, organização e negociação com as autoridades, principalmente do governo federal, em defesa dos interesses das populações das RESEX e de outras unidades de conservação como as Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS), das Florestas Nacionais (Flonas), dos Projetos de Assentamento Extrativista (PAEs), Projetos de Desenvolvimento Sustentável (PDS), Projetos Estaduais de Assentamento Agroextrativista (PEAEX), bem como das famílias que ainda não estão com seus territórios regularizados", completa Joaquim Belo.

O processo continuado de mobilização continua gerando bons resultados para os povos da floresta. Em agosto de 2015, o governo federal lançou o Pronatec Extrativista 2015.2, para ofertar os cursos adequados à realidade dos territórios extrativistas. No Acre foram contemplados os municípios de Xapuri, Brasileia, Epitaciolândia, Capixaba, Rio Branco, Cruzeiro do Sul, Sena Madureira, Jordão, Mal Thaumaturgo e Tarauacá.

O programa Sanear Amazônia, com um financiamento R\$ 35 milhões do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), vai garantir o acesso à água de qualidade para 2,8 mil famílias em oito reservas extrativistas da região Norte. No Acre foram contemplados os Municípios de Assis Brasil, Brasileia, Xapuri e Rio Branco,

com atendimento garantido para 500 famílias.

Parte das ações do Programa de Inclusão Produtiva Rural do Plano Brasil Sem Miséria, a Ater Extrativista, construída em uma parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e suas vinculadas, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e Serviço Florestal Brasileiro, atende às demandas da "Agenda do Marajó" para os estados do Acre, Amazonas e Pará, conforme os acordos firmados pelo MDA durante o "I Chamado dos Povos da Floresta", em 2011.

Osmarino Amâncio Rodrigues, parceiro de Chico Mendes nas lutas dos anos 1980, resume em seu sentimento de seringueiro as conquistas do movimento depois do assassinato de Chico Mendes: "Para nós, a década de 80 foi um tempo de dor e de conquistas – criamos o CNS, o conceito das Reservas Extrativistas e, com os índios, a Aliança dos Povos da Floresta. A gente preferia não ter nada disso e ter o Chico Mendes vivo. Mas a morte do Chico não foi em vão, como ele imaginou. Depois dela, acabou a tragédia das mortes anunciadas [pelo menos em Xapuri]. Na nossa região, o movimento resolveu o problema fundiário [em grande parte com a criação das Reservas Extrativistas]. Com o tempo, abrimos portas para os nossos produtos, e hoje tem educação no seringal, não do jeito que a gente quer, porque a escola não organiza a luta, mas ainda assim é uma escola. Acho que a rainha da floresta exigiu esse sacrifício do Chico para salvar as nossas vidas".



**Ângela Maria Feitosa Mendes**  
Tecnóloga em Gestão Ambiental e Coordenadora do Comitê Chico Mendes





# SACI-PERERÊ

Zezé Weiss

O Saci-Pererê, mito mais famoso do folclore brasileiro, é tão importante para o folclore e para a cultura brasileira que no calendário nacional tem até um dia em sua homenagem: 31 de outubro.

Diz a lenda que o Saci-Pererê

surgiu entre os povos indígenas do Sul do Brasil como um menino de cor morena, muito levado e com um rabo, que vivia aprontando travessuras entre a densa vegetação das matas e florestas.

Ao se disseminar para além das aldeias indígenas, ainda no período colonial, possivelmente no final do século XVIII, o mito acabou migrando para outras regiões e, principalmente pela cultura oral, o Saci vai se transformando, se adaptando e se perpetuando em todo o território nacional.

No Nordeste, o Saci transformou-se no juvenzinho negro que conhecemos hoje, com apenas uma perna (a outra teria perdido em uma luta de capoeira), que aparece sempre de gorro vermelho e com um cachimbo, característica típica da cultura africana. Como é muito irrequieto, o Saci viaja dentro dos redemoinhos e não para em lugar nenhum.

Muito divertido, o moleque não faz mal a

ninguém, mas sempre brinca de assustar viajantes com seus assobios, escondendo brinquedos de crianças, dando nó em crina de cavalos, apagando o fogo do fogão a lenha. É isso que contam as pessoas mais velhas em volta das fogueiras e nas rodas de prosa em todas as regiões interioranas do Brasil.

Do bem, o Saci não vive só de brincadeiras. Diz o mito que ele é também um importante conhecedor das ervas da floresta, que entende muito da medicina natural e do poder de cura das plantas brasileiras. Para buscar raízes e plantas em uma mata, é preciso falar primeiro com o Saci, pedir autorização, senão a pessoa corre o risco de se assustar com suas brincadeiras.

Muito presente na tradição rural, o Saci ficou famoso também no Brasil urbano através da literatura. Quem primeiro trouxe o Saci para as cidades foi o escritor Monteiro Lobato, nas histórias do Sítio do Picapau Amarelo, mostrado em filmes, e também na TV como um seriado, em várias edições. Mais recentemente, o Saci voltou para a literatura nas histórias do personagem Chico Bento, do cartunista e escritor Maurício de Souza, o pai do Cebolinha.

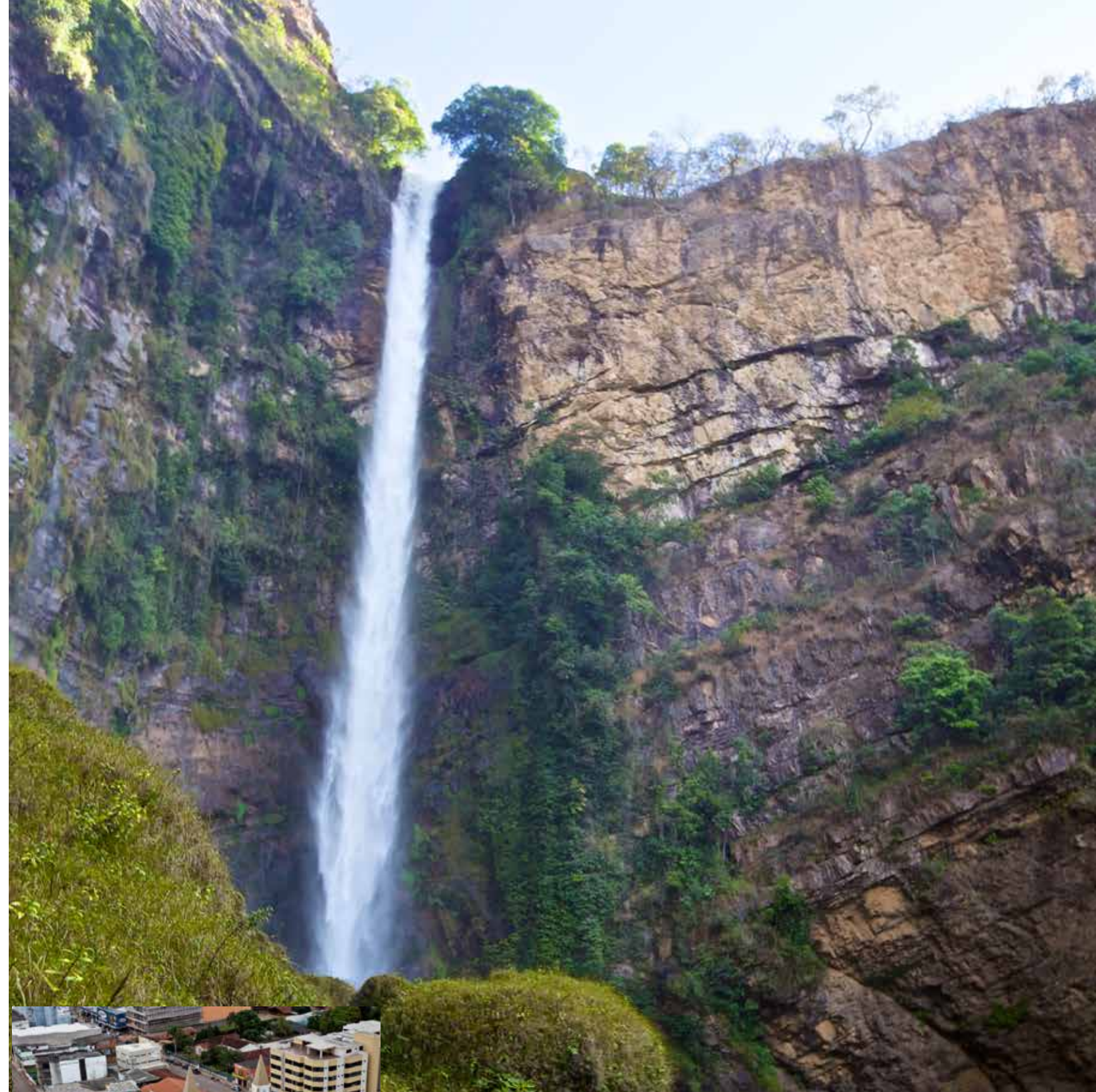


# SACI-PERERÊ



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental

Fontes:  
brasilescola.com | sohistoria.com.br | google.com.br



## CALENDÁRIO DAS SESSÕES ORDINÁRIAS EM 2015

<b>OUTUBRO</b>	06 (terça-feira)	07 (quarta-feira)	13 (terça-feira)	14 (quarta-feira)	15 (quinta-feira)
<b>NOVEMBRO</b>	03 (terça-feira)	04 (quarta-feira)	10 (terça-feira)	11 (quarta-feira)	12 (quinta-feira)
<b>DEZEMBRO</b>	01 (terça-feira)	02 (quarta-feira)	08 (terça-feira)	09 (quarta-feira)	10 (quinta-feira)



# Açafrão-da-Terra

## COR E SABOR QUE CURAM

Lúcia Resende

*“Nenhum outro ingrediente nutricional é tão poderosamente anti-inflamatório como o pó amarelo dessa raiz (...) Age sobre a angiogênese, força as células cancerosas a morrer (pelo processo de suicídio celular chamado apoptose)”*  
David Servan-Schereiber

O acréscimo ao nome é pra fazer a distinção do outro açafrão, especiaria cara, muito usada na culinária mediterrânea, embora há muito já seja presença comum em praticamente todo o mundo. A iguaria retirada do pistilo da flor arroxeadada, da qual são

necessários 100 mil exemplares para extrair 1 kg de pó, por lá chamado de saffron. Mas isso é outro papo.

O que interessa aqui é falar da planta que chegou ao Brasil nas caravelas portuguesas, vinda da Índia, de nome científico *Curcuma Longa L.*, mais conhecida mesmo como açafrão, mas que tem muitos outros nomes: cúrcuma, açafrão-da-índia, açafrão-da-terra, gengibre amarelo ou tumérico. Da planta, a parte usada é a raiz (rizoma), rica em curcumina (3 a 5%) e óleo essencial (3 a 5%), substâncias de cor e sabor muito apreciados e com propriedades medicinais.

A planta tem beleza ímpar, sua folhagem assemelha-se à do lírio (cana-da-índia), e cresce em abundância por aqui, em muitos lugares já de modo espontâneo. Anualmente, antes de perder o viço, exibe a bela inflorescência branca, com rajas arroxeadas e base de um verde amarelado sem igual, anunciando que a colheita está próxima.

Terminada a floração, a folhagem seca, a planta parece

morta. É quando a raiz, tirada sempre com o cuidado de deixar partes para nova brotação, vai para as mãos de quem guarda as tradições e, destas, chega às mesas, temperando e colorindo pratos vários, principalmente na porção centro-oeste e nordeste do Brasil.

Depois de retirada da terra, a raiz do açafrão deve ser muito bem lavada, raspada, fatiada e colocada para secar. Para fazer o pó de cor amarelo forte, de sabor característico, a maneira pode variar do pilão antigo ao triturador ou liquidificador, instrumentos incorporados na modernidade, quando pilão já está mais pra objeto de decoração que pra utensílio de cozinha.

Além de conferir cor e sabor aos alimentos, o açafrão tem alto valor medicinal. Antes essas propriedades eram mais conhecidas no Oriente, mas há muito a sabedoria popular ocidental incorporou esses saberes, que nos últimos 50 anos vêm sendo confirmados pela Ciência. Não há dúvida: o açafrão da terra, uma das delícias da nossa culinária, é também planta de cura.



### PROPRIEDADES MEDICINAIS DO AÇAFRÃO

- Redução dos níveis de colesterol
- Prevenção de lipidemias, ateroscleroses e tromboembolias
- Ação antioxidante sobre certos ácidos graxos poli-insaturados
- Redução do açúcar no sangue
- Inibição das mutações induzidas por raios UV
- Ação anti-inflamatória e anti-infecciosa
- Atividade antiviral HIV
- Atividade imunomoduladora
- Atividade antiparasitária
- Ação antitumoral e anticâncer – indutor da apoptose celular e inibidor da formação de metástases
- Prevenção do Mal de Alzheimer (a baixa incidência da doença na Índia é atribuída ao alto consumo da curcumina)

Fonte:

PINTÃO, Ana Maria e SILVA, Inês Filipa da. A Verdade sobre o Açafrão – Instituto Superior Egas Moniz – Campus Universitário – Quinta da Granja – Monte de Caparica. Caparica, Portugal, 2008.

## Galinhada com açafrão

### INGREDIENTES

- 1 frango
- 5 xícaras de arroz
- 1 colher de sobremesa de açafrão
- 2 dentes grandes de alho
- 1 cebola grande
- 2 tomates
- ¾ de xícara de óleo
- 2 espigas de milho verde (ou 1 lata)
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Pimenta-de-cheiro a gosto
- Cheiro- verde a gosto
- Água quente o bastante para cozinhar o arroz

### MODO DE FAZER

Corte o frango, lave e escorra bem. Em uma panela, coloque o óleo e o alho amassado. Deixe dourar bem e acrescente o frango temperado com sal e as pimentas. Deixe fritar, mexendo de vez em quando. Quando começar a grudar no fundo da panela, vá pingando água aos poucos, mexendo devagar. Vá repetindo o processo, até o frango ficar frito, bem dourado. Em seguida, acrescente o açafrão, os tomates e a cebola. Deixe fritar mais um pouco, até que a cebola e o tomate cozinhem e se incorporem ao frango. Acrescente o milho e o arroz e refogue. Coloque a água fervendo, corrija o sal e deixe cozinhar, mexendo de vez em quando. Depois de pronta a galinhada, salpique cheiro verde e sirva. Para acompanhar, molho de tomates e salada verde.







## SINTOMAS DA CRISE CIVILIZACIONAL

Leonardo Boff

O sintoma mais doloroso da crise civilizacional (...) é um difuso mal-estar da civilização. Aparece sob o fenômeno do descuido, do descaso e do abandono, numa palavra, da falta de cuidado.

(...) Há um descuido e um descaso na salvaguarda de nossa casa comum, o planeta Terra. Solos são envenenados, ares são contaminados, águas são poluídas, florestas são dizimadas, espécies de seres vivos são exterminadas; um manto de injustiça e de violência pesa sobre dois terços da humanidade.

Um princípio de autodestruição está em ação, capaz de liquidar o sutil equilíbrio físico-químico e ecológico do planeta e devastar a

biosfera, pondo assim em risco a continuidade do experimento da espécie homo sapiens e demens (...)

Face a essa situação de falta de cuidado, muitos se rebelam. Fazem de sua prática e de sua fala permanente contestação. Mas sozinhos sentem-se impotentes para apresentar uma saída libertadora. Perderam a esperança.

Outros têm fé e esperança. Mas propõem remédios inadequados aos sintomas de uma doença coletiva. Não vão à causa real das mazelas. Tratam apenas dos sinais.

(...) Importa buscar respostas, inspiradas em outras fontes e em outras visões de futuro, para o

planeta e para a humanidade.

Nesse sentido, as respostas vêm sendo formuladas concretamente, pelo conjunto de pessoas que ensaiam práticas coletivas em todos os lugares e em todas as situações do mundo atual. Portanto, não há um sujeito histórico único. Muitos são os sujeitos dessas mudanças (...) Elas emergem de um caminho coletivo que se faz caminhando.

Excertos do livro Saber Cuidar, Editora Vozes, 2012.



**Leonardo Boff**  
Teólogo. Filósofo. Escritor

# OUTUBRO ROSA

## Anápolis na luta contra o câncer de mama

*A Prefeitura de Anápolis trabalha pela saúde da mulher e está cada vez mais empenhada em desenvolver ações de prevenção e combate às doenças. Durante o mês de outubro, toda a rede municipal de saúde intensifica as consultas especializadas, palestras educativas e realização de exames para a prevenção do câncer de mama. Participe!*



